

OS MELHORES CONTOS ESPIRITUAIS  
DO MÉDIO ORIENTE

# A Sabedoria dos Idiotas

Os ensinamentos filosóficos  
mais divertidos de sempre



NASRUDIN HODJA

alma  
dos livros



OS MELHORES CONTOS ESPIRITUAIS  
DO MÉDIO ORIENTE

# A Sábedoria dos Idiotas

Os ensinamentos filosóficos  
mais divertidos de sempre



NASRUDIN HODJA

alma  
des  
livros

---

NASRUDIN HODJA

**A SABEDORIA  
DOS IDIOTAS**

Tradução de  
Luzia Almeida

## FICHA TÉCNICA

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *A Sabedoria dos Idiotas*

Título original: *Sottisier de Nasr-Eddin-Hodja*

Autor: Nasrudin Hodja

Recolha de textos: J. A. Decourdemanche

Tradução: Luzia Almeida

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Maria João Gomes

Arranjo de capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Ilustração de capa: Manel Cruz

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8907-88-2

1.<sup>a</sup> edição em papel: setembro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

# INTRODUÇÃO

A *Sabedoria dos Idiotas* contém histórias usadas pelos grandes mestres do sufismo, resgatadas de manuscritos antigos e contos da literatura oral das tradições culturais persa, afegã, turca e árabe. Os mestres sufis apresentavam-se como «idiotas de Deus». Em árabe, esta expressão descreve alguém que tem a mente no céu e o corpo na terra. Em termos espirituais, poderia considerar-se um idiota aquele que afirma a sua ignorância perante a verdade, pois entende a sua transitoriedade neste mundo.

Nasrudin Hodja é o personagem central destas histórias, e aparece aqui e ali a desempenhar os mais variados papéis: às vezes, é um sábio; outras, um cortesão; outras ainda, um mendigo, um juiz, um professor, um tolo... É múltiplo e indefinível. As histórias de Nasrudin correm o mundo e são muito conhecidas em todo o Médio Oriente. No Ocidente, são-no menos. Algumas das suas maiores qualidades são a esperteza, a sensibilidade, o questionamento do óbvio e uma visão diferente das coisas. Nasrudin é uma espécie de Dom Quixote, de anti-herói, cujas histórias servem para ilustrar ou introduzir ensinamentos filosóficos e espirituais. As suas histórias convidam à compreensão através do humor e da desconstrução mental. *Nasrudin* significa «vitória da fé» e *Hodja* significa «professor, mestre».

Uma das grandes vantagens das histórias é que penetram na consciência sem oferecer muita resistência e, sendo plásticas, podem ser aplicadas a diferentes situações e momentos. A lógica sábia, e por vezes absurda, destes contos é um dos métodos mais engenhosos para quebrar a nossa maneira habitual de pensar e as barreiras da mente.

Todos estes contos contêm uma boa dose de humor e uma sabedoria inerente que convida à reflexão, e, por apresentarem um quadro humorístico, são mais facilmente gravados na nossa memória. Através destas histórias, é possível vislumbrarem-se

certos aspetos dos ensinamentos mais profundos da filosofia e da tradição sufi, num apelo intemporal e universal.

## MUDANÇAS INESPERADAS

Certo dia, um ladrão entrou em casa do mulá e levou todos os seus pertences sem se aperceber de que Nasrudin estava em casa.

Este decidiu seguir o ladrão e finalmente chegaram a casa dele. Só então é que o ladrão se apercebeu da presença de Nasrudin:

— O que é que estás a fazer aqui? — perguntou, surpreendido.

— Quer-me parecer que arrendei esta casa e estou a fazer as mudanças. Como é o primeiro dia do mês, vim pagar a renda.

## UMA MULTIDÃO PREVENIDA

Certo dia, Nasrudin subiu a um púlpito para discursar.

— Ó gentes desta terra, sabem o que vos venho dizer hoje? — perguntou.

— Não, não sabemos — gritou a uma só voz a multidão.

Nasrudin virou-se para eles e disse:

— Que gente tão preguiçosa! Quando souberem, dar-me-ei ao trabalho de voltar cá.

No dia seguinte, subiu novamente ao púlpito e começou o seu discurso:

— Ó gentes desta terra, sabem o que vos venho dizer hoje?

— Sim, sabemos — gritou a multidão, prevenida.

— Muito bem. Nesse caso, nada tenho a dizer-vos.

Outro dia se passou e Nasrudin voltou a subir ao púlpito:

— Ó gentes desta terra, sabem o que vos venho dizer hoje?

A multidão, prevenida, respondeu:

— Uns sabem, mas outros não.

— Muito bem, então aqueles que sabem instruem os que não sabem.

E levantou-se e foi-se embora.



## **LIVRE OU ESCRAVO**

Certo dia, fugiu um escravo do mulá Nasrudin.

Apesar de ter feito buscas exaustivas, não descobriu qualquer pista ou indício do lugar onde ele estaria e regressou a casa sem esperança de o voltar a encontrar.

— Aonde é que ele terá ido? — perguntou a esposa ao mulá.

— Aonde quer que tenha ido — respondeu Nasrudin —, ou para onde quer que tenha fugido, não importa, será sempre meu escravo. Se ele não tivesse partido, um dia eu iria conceder-lhe a liberdade; assim, foi ele o mais prejudicado.

## **LIÇÃO DE ARQUITETURA**

Nasrudin estava parado ao pé do minarete de uma mesquita sagrada.

— O que é isto? — perguntaram-lhe as pessoas.

Nasrudin examinou o minarete de alto a baixo e depois respondeu:

— Antigamente, era um poço; depois, tiraram-no para o esvaziar e limpar. Entretanto, deixaram cá fora a parte que estava enterrada.

## **COMER DOCES**

Certo dia, uma mãe veio acompanhada do seu filho para ver o mulá.

— Nasrudin — disse ela. — O meu filho é viciado em guloseimas. Está sempre a comer doces. Pode dizer-lhe para parar de os comer?

— Hum... Pode voltar cá na próxima semana? — pediu Nasrudin.

A mulher estranhou o pedido, mas voltou lá na semana seguinte. Então, ele ordenou firmemente à criança.

— Menino! — disse o mulá. — Não coma mais doces, ouviu?!

O menino e a mãe fitaram Nasrudin com receio e respeito. Antes de sair, ela disse:

— Nasrudin, agradeço-lhe pela ajuda, mas porque não disse logo isso na altura e nos pediu para vir uma semana depois?

— Ah, isso é fácil — respondeu Nasrudin. — É que naquela data eu ainda comia doces.

## **CAVALO INDOMÁVEL**

Um dia, um maravilhoso cavalo foi trazido à presença do príncipe, mas ninguém conseguia montá-lo. Até que Nasrudin exclamou:

— Nenhum de vós ousa montar esse esplêndido cavalo! Nenhum de vós tem a coragem necessária para se manter no seu dorso!

— E você, Nasrudin? — perguntou alguém.

— Eu?... Eu também não... — respondeu o mulá.

## **AGARRAR É FÁCIL; DIFÍCIL É FUGIR**

Nasrudin comprou um bocado de fígado no mercado. Estava a voltar para casa quando um milhafre lhe apanhou o bocado da carne e voou para longe.

— Bem, pelo menos aproveito o passeio! — exclamou Nasrudin.

E decidiu subir a um monte de onde via as pessoas a passarem no caminho. Entretanto, apareceu um homem com um bocado de carne na mão. Sem perder tempo, Nasrudin saltou de onde estava sentado e desceu a correr para o caminho; tirou-lhe a carne das mãos e começou a fugir.

O outro começou a correr atrás dele, sem desistir, até o conseguir apanhar e recuperar a carne.

— Nasrudin, porque é que fez isso? — perguntou-lhe o homem.

— Fizeram-me o mesmo — lamentou-se Nasrudin. — Mas infelizmente sou apenas um aprendiz de milhafre e ainda não consigo voar.

## **NASRUDIN E O SEU BURRO**

Certa vez, Nasrudin seguia montado no seu burro com o rosto virado para o rabo do animal. As pessoas começaram a olhar fixamente para ele. Quando lhe perguntaram por que razão estava assim sentado, respondeu:

— Eu não estou sentado ao contrário; o burro é que se está a dirigir na direção errada.

## **LEVANTAR CEDO**

Nasrudin aconselhava o filho a acordar cedo todas as manhãs.

— Porquê, pai?

— É um bom hábito. Uma vez, levantei-me bem cedo e pelo caminho encontrei um saco de ouro.

— E como é que sabe que o saco não foi perdido na noite anterior?

— Não é essa a questão, mas, em todo o caso, o saco não estava lá na noite anterior. Eu reparei nisso.

— Então — disse o filho — acordar cedo nem sempre é bom. Quem perdeu o saco de ouro deve ter acordado mais cedo ainda do que você.

## **GARGANTA SECA PEDE ÁGUA**

Um dia, roubaram um queijo salgado a Nasrudin.

O mulá foi imediatamente a correr para perto da fonte.

— Nasrudin, porque é que vieste até aqui a correr tão depressa? — perguntaram-lhe.

— Venho sempre à fonte beber água quando como um queijo salgado — respondeu. — Com certeza que o ladrão também aqui virá assim que comer do queijo que me roubou.

## VANTAGENS DE UM ASSALTO

Um ladrão entrou em casa de Nasrudin, que estava absolutamente vazia.

As pessoas, ao verem o ladrão entrar, gritaram-lhe:

— Cuidado, Nasrudin! Entrou um ladrão em sua casa!

— Cuidado vocês, deixem-no em paz — respondeu-lhes. — Deixem-no entrar, porque se ele encontrar alguma coisa de valor será uma graça de Deus e, caso isso aconteça, pode ser que me toque pelo menos uma parte.

## O DOCE E O AMARGO

Nasrudin foi num certo dia à cidade de Konya. Acabado de chegar, deteve-se em frente de uma loja de doces. O proprietário tinha acabado de colocar uma travessa de *halva*<sup>1</sup> na montra.

Sem grandes delongas, Nasrudin fez uma prece e começou a comer a *halva*.

— Pare já com isso! — gritou-lhe o homem.

Ao perceber que Nasrudin não o estava a ouvir e continuava a comer, chegou ao pé dele e começou a bater-lhe.

Então, Nasrudin virou-se para o céu e exclamou:

— Ó Konya, ó bela Konya! Que preço tão amargo me fazes pagar por tão doce *halva*.

## LIÇÃO DE BOTÂNICA

Outro dia, fizeram uma pergunta a Nasrudin a respeito de um alperceiro.

— Que frutos dá esta árvore, mulá? — questionaram.

— Inicialmente, dava ovos — respondeu Nasrudin —, mas depois veio a geada e a parte da clara caiu. Assim, só restou a parte amarela tal como agora a vemos.

## **QUESTÃO DE ALIMENTAÇÃO**

### **E QUESTÃO DE LEITURA**

Nasrudin estava a levar para casa um pouco de fígado que tinha acabado de comprar. Na outra mão, carregava uma receita de torta de fígado que um amigo lhe dera. De repente, um abutre deu um rasante e levou o fígado.

— Seu tolo! — gritou Nasrudin. — Até podes ter levado a carne, mas a receita ainda está comigo!

### **SONHAR ALTO**

Certa noite, Nasrudin estava a dormir serenamente na sua cama. Sonhava que lhe estavam a dar nove moedas de ouro.

Não se contentando com isso, disse:

— Quero dez moedas!

Entretanto, despertou e viu que tinha as mãos vazias.

Fechou imediatamente os olhos, estendeu as mãos e disse:

— Arrependo-me do que disse; chegam-me as nove.

### **CONSELHOS**

Nasrudin gostava de jogar xadrez, e, de vez em quando, dava, por iniciativa própria, conselhos a outros jogadores.

Um dia, irritou-se e jurou deixar a mulher se tornasse a dar conselhos a alguém.

Dias mais tarde, porém, chegou a um lugar onde estavam a jogar e esqueceu-se da promessa. Aproximou-se do tabuleiro e apercebeu-se de um movimento completamente errado feito por um dos jogadores.

— Ó homem, então você não está a ver que, se mover a rainha para a casa ao lado, faz xeque-mate?!

— Nasrudin, como és capaz de dar conselhos?! — exclamou a assistência, a uma só voz. — Não tinhas jurado deixar a tua mulher se voltasses a fazê-lo?

— Ora, dei o conselho por engano. Aliás, foi precisamente pelo mesmo motivo que me casei com a minha mulher.

## **A ÁRVORE**

Nasrudin estava a descansar à sombra de um frondoso choupo.

— Que árvore é esta? — perguntaram-lhe.

— É uma bela árvore — limitou-se a murmurar, olhando o horizonte.

Eis que um corvo, empoleirado num galho, defecou precisamente sobre Nasrudin. Este observou aquela pasta branca espalhada no seu colo.

— Ó gentes, não sabeis então que árvore é esta? — interrogou, retomando a conversa.

— Não a conhecemos — responderam-lhe.

— Olhem bem para mim — insistiu Nasrudin. — É a árvore do iogurte.

## **NEGÓCIOS PRÓSPEROS**

Nasrudin comprava ovos. Pagava uma moeda de prata por cada nove ovos, levava-os para casa e depois ia vendê-los ao mercado. Cobrava então uma moeda de prata por cada dez ovos.

As pessoas perguntavam-lhe, espantadas:

— Mulá, porque te dás ao trabalho de comprar nove ovos por um preço e ir ao mercado vender dez pelo mesmo preço? O que ganhas com isso? É evidente que só perdes dinheiro.

— Bem sei — respondeu Nasrudin. — Mas quero que os meus amigos, comprando-me muito, vejam os meus negócios a prosperar.

## **OVOS E O REI**

Certo dia, um rei e o seu séquito entraram pela casa de chá onde Nasrudin trabalhava.

Pediram omeletas e, depois da refeição, o rei disse para o mulá:

— Quanto lhe devo?

— Para o senhor e os seus companheiros, as omeletas ficam a dez moedas de ouro.

O rei ergueu as sobrancelhas.

— Os ovos são muito caros por aqui. São assim tão raros?

Respondeu-lhe Nasrudin:

— Aqui não são os ovos que são raros, majestade... O que é raro são as visitas de um rei.

## **O SABER DA EXPERIÊNCIA**

—É verdade — perguntaram ao mulá — que o milhafre tem uma constituição tal, que é macho durante um ano e fêmea no ano seguinte?

— Meus caros ouvintes — respondeu-lhes —, devem fazer a pergunta a quem já foi milhafre durante dois anos.

## **BRINCADEIRAS PREVISÍVEIS**

Uns rapazitos planeavam pregar uma partida ao mulá.

— Ei — combinavam —, e se conseguíssemos roubar-lhe os chinelos?

Encostaram-se a uma árvore e começaram a gritar:

— Ninguém consegue subir a esta árvore.

— Eu consigo — respondeu-lhes Nasrudin, ao aproximar-se.

Sem demora, levantou a saia das suas vestes, tirou os chinelos, aconchegou tudo ao peito e começou a subir.

— Para que queres os chinelos aí em cima, mulá? — gritaram-lhe. — Atira-os cá para baixo. Deixa-os aqui.

— Nem pensar! Sei lá se não há um caminho lá em cima, no topo da árvore. Tenho de os ter sempre à mão de semear.

## **A IMPORTÂNCIA DA LUA**

Certa vez, Nasrudin declarou:

— A Lua é mais útil do que o Sol!

— Porquê? — perguntaram-lhe.

— Porque à noite precisamos de mais luz.

## **O DIA DO JUÍZO FINAL**

Nasrudin tinha um cordeiro gordo. Certo dia, os amigos tentaram pregar-lhe uma partida. Tomariam o cordeiro e fariam um banquete. Um deles encontrou casualmente Nasrudin e, sem perda de tempo, disse-lhe:

— Mulá, para que te serve este teu cordeiro? Amanhã é o Dia do Juízo Final. Pega nele. Vamos matá-lo e comê-lo.

Nasrudin não acreditou em nada daquilo. Limitou-se a escutar.

Mas veio um segundo amigo com a mesma conversa. E não tardou que mais amigos chegassem, ora em pequenos grupos, ora um após o outro. E, todos com a mesma conversa, afiançavam que o fim do mundo se aproximava. Nasrudin acabou convencido.

— Já que é assim — resignou-se —, sejam bem-vindos, meus amigos; vamos para o campo, matem os cordeiros e disfrutemos agradavelmente dos nossos últimos momentos com uma bela comezaina.

Todos concordaram. Pegaram no cordeiro e lá foram para os campos.

— Amigos! Vão divertir-se, que eu fico a cuidar do assado.



Como ele estava no meio deles, cada um tirou o turbante e algumas vestes, deixando-os ao pé dele e indo passear para os campos. Sem demoras, Nasrudin acendeu uma fogueira, queimando nela todas aquelas vestes, e começou a assar o cordeiro.

Pouco depois, um dos amigos disse aos outros:

— Vamos lá ver se o cordeiro do mulá já está bem corado. Vamos ao banquete.

Aproximaram-se e, ao perceberem que Nasrudin tinha lançado as roupas deles à fogueira, gritaram:

— Estás maluco? Porque queimaste as nossas coisas?

— Então, queridos amigos? Não acreditam nas palavras que usaram para me convencer? Se o fim do mundo é amanhã, para que precisam das vossas vestes?

## **BEM ADIVINHADO**

Consta que, certo dia, um homem escondeu um ovo no seu lenço. Chegando perto do mulá, disse-lhe:

— Se adivinhares o que tenho dentro do lenço, ofereço-to, para fazeres uma omelete.

Nasrudin pensou, pensou, mas não conseguiu adivinhar.

— Ora, dá-me pelo menos uma pista.

— Quando se parte, vêς amarelo-alaranjado, mas a parte de fora é clara.

— Já sei, já sei — gritou Nasrudin. — Fizeste um buraco numa cabeça de nabo e meteste uma cenoura lá dentro!

## **UM JUDEU HABILMENTE ESPOLIADO**

Conta-se que, certa vez, Nasrudin, olhando os céus, clamou:

— Senhor, concedei-me mil moedas de ouro. Que não falte uma sequer, pois, se assim for, não as receberei.

Ora, um judeu seu vizinho, ouvindo estas palavras, decidiu pô-lo à prova. Se bem o pensou, melhor o fez. Contou novecentas e noventa e nove moedas de ouro, meteu-as numa bolsinha e colocou-as no caminho de modo que Nasrudin as visse.

Nasrudin apercebeu-se do dinheiro abandonado, pegou na bolsa, contou as moedas e viu que faltava uma.

— Ora, que importa? Se Deus me deu todas estas, mais depressa me dará a que falta — pensou, afastando-se, então, daquele local.

Porém, o judeu que o espreitava saltou-lhe ao caminho, proclamando:

— Mulá, dá-me esse dinheiro! Pertence-me!

— Sai da frente, imbecil — respondeu-lhe Nasrudin. — Pedi este dinheiro a Deus e Ele deu-mo. De ti, nunca recebi nada.

— Mas fui eu que acabei de pôr o dinheiro ali — interrompeu o judeu. — Se insistes, vamos consultar o cádi.<sup>2</sup>

— Espera um pouco — respondeu-lhe Nasrudin. — Pre-ciso de um manto. Vou a casa buscá-lo.

— Se não te importas — sugeriu o judeu —, entro eu na minha casa e vamos de imediato. O que não falta são mantos.

Trouxe um, que estendeu ao mulá, e foram juntos ao cádi.

— Meritíssimo — começou o judeu —, este homem ficou com o meu dinheiro. É o que nos traz aqui.

— Que tens a dizer em tua defesa? — perguntou o cádi, dirigindo-se ao mulá. — Apropriaste-te deste dinheiro?

— Não, meritíssimo. Pedi-o incessantemente a Deus, que mo concedeu. Mas há mais, meritíssimo: veja bem aonde chega a maldade deste judeu; é bem capaz de dizer que também é o dono do manto que me cobre.

— Meu Deus! — interrompeu de imediato o judeu. — Claro que o manto é meu!

Chegados a este ponto, o cádi não se deixou levar e mandou pôr o judeu na rua. Quanto ao mulá, regressou a casa com o dinheiro e o manto.

## **PINTAINHOS DE LUTO**

Conta-se que Nasrudin tinha muitos pintainhos. Um dia, abriu buracos numa manta preta e fez passar por cada um deles a cabeça de um pinto. Vendo isto, perguntaram ao mulá o significado daquilo.

— A mãe morreu — disse. — Os pintos estão de luto.

## **LUAS VELHAS**

Certo dia, Nasrudin viu-se confrontado com a seguinte pergunta:

— Mulá, o que acontece às luas velhas? Em que se transformam?

— Mas que pergunta! — exclamou Nasrudin. — Como não sabes uma coisa tão simples? Pega-se numa tesoura, cortam-se em pedaços e fazem-se as estrelas.

## **CONTRABANDO**

Volta e meia, Nasrudin atravessava a fronteira entre a Pérsia e a Grécia montado no lombo de um burro. Passava sempre com dois cestos cheios de palha e voltava sem eles, arrastando-se a pé. Os guardas desconfiavam dele, mas, a cada vez, procuravam por contrabando sem nunca encontrar nada.

Anos mais tarde, com uma aparência cada vez mais próspera, Nasrudin mudou-se para o Egito. Lá encontrou um daqueles guardas de fronteira, que entretanto se tinha reformado.

— Diga-me, mulá, agora que estou reformado, o que é que você contrabandeava, que nunca o conseguimos apanhar?

— É simples: burros.

## **A IMPORTÂNCIA DOS GALÕES**

Celebrava-se uma boda no bairro do mulá e este foi convidado para o banquete. Depressa se apercebeu de que o dono da casa tinha dado os lugares de destaque a pessoas bem vestidas, que tratava com todas as deferências. Quanto a ele, ninguém lhe prestava atenção. Levantou-se então, sem mais delongas, foi pedir um casaco de cerimónia emprestado e regressou à festa. Mal o viram assim vestido, receberam-no condignamente: destinaram-lhe um lugar de honra e serviram-lhe iguarias delicadas e variadas. Então, Nasrudin deu um jeito às suas vestes e meteu as mangas do casaco no prato.

— Que fazes tu? Porque te comportas assim? — gritaram algumas pessoas, vendo aquela atitude.

— Oiçam-me bem! — começou, em jeito de defesa. — As honras concedidas não me são destinadas, mas ao meu casaco, portanto deve ser ele a beneficiar destas iguarias.

## **NOTÍCIAS DE UM DOENTE**

Certo dia, adoeceu alguém em casa do mulá. Foram pedir-lhe notícias.

— Primeiro curou-se, mas depois morreu — respondeu-lhes.

## **A VOZ DA EXPERIÊNCIA**

Um homem foi ter com Nasrudin, pedindo-lhe um conselho.

— Ouve, mulá, dói-me muito um olho. O que posso fazer?

— Arranca-o — respondeu Nasrudin. — Ver-te-ás livre da dor.

— Mas, mulá, os olhos não são para arrancar.

— Juro-te que um dia começou a doer-me um dente e só descansei quando o arranquei — insistiu Nasrudin.

## **O ANÚNCIO**

Nasrudin subiu a um lugar elevado na praça do mercado e dirigiu-se à multidão:

— Ó povo deste lugar! Queres conhecimento sem dificuldade, verdade sem falsidade, realização sem esforço, progresso sem sacrifício?

Logo se juntou em volta um grande número de pessoas a gritar em coro:

— Queremos, queremos!

— Excelente! Era só para saber. Podem confiar em mim, que vos contarei tudo a esse respeito, caso algum dia descubra algo parecido.

## **PEQUENOS INCONVENIENTES**

Certa vez, Nasrudin encontrou a casa de tal forma invadida por pulgas, que, exasperado, se viu obrigado a abandoná-la. Pouco tempo depois, deu-se conta de que a casa tinha sido devorada por um incêndio, destruída pelas chamas. Sentiu-se então muito feliz, começou a bater palmas e a gritar:

— A casa ficou toda queimada! Livrei-me finalmente de pulgas e de ratos.

## **LUZ**

Alguém viu Nasrudin à procura de alguma coisa no chão.

— O que é que você perdeu, mulá? — perguntou-lhe.

— A minha chave — respondeu.

Então, os dois ajoelharam-se para a procurar. Pouco depois, o sujeito voltou a perguntar:

— Onde é que, exatamente, você perdeu essa chave?

— Em minha casa.

— Então porque é que está aqui à procura dela?

— Porque aqui há mais luz!

## **OS MELHORES CONSELHOS**

Nasrudin começou a construir uma casa. Os seus amigos, que já haviam passado pela experiência e que eram carpinteiros e pedreiros, contribuíram com conselhos. Um após o outro, disseram-lhe o que fazer e Nasrudin seguiu as instruções que cada um lhe dava. Quando a construção terminou, não se parecia em nada com uma casa.

— Que curioso! — disse Nasrudin. — E eu que fiz exatamente aquilo que cada um de vocês me disse para fazer!

## **O GOSTO DE APRENDER**

Nasrudin decidiu que podia ser benéfico para ele aprender algo de novo, e foi visitar um mestre de música.

— Quanto é que você cobra para me ensinar a tocar flauta? — perguntou Nasrudin.

— Três peças de prata no primeiro mês e, depois, uma peça de prata por mês — respondeu o mestre.

— Perfeito! — exclamou Nasrudin. — Começarei no segundo mês!

## **O PÁSSARO**

Um dia, Nasrudin encontrou um gavião doente, deitado no peitoril da janela da sua casa. Como nunca tinha visto um pássaro como aquele, pensou: «Pobre criatura, como terá chegado a este ponto?» E então cortou as garras do gavião, endireitou-lhe o bico e encurtou-lhe as penas.

— Agora sim, tens a aparência de um pássaro — disse Nasrudin, mais satisfeito.

## **VENDEDOR CONSCIENCIOSO**

Certo dia, Nasrudin estava a atar o turbante e achou-o muito curto. Desfê-lo e recomeçou, mas dessa vez nem conseguiu atar as pontas. Com a paciência a esgotar-se, pegou no turbante, levou-o ao mercado e entregou-o a um pregoeiro, que se desfez em elogios ao turbante. No decorrer desta venda pública, aproximou-se um freguês. Nasrudin, ao perceber a sua intenção de compra, segredou-lhe, ante o pregoeiro estupefacto:

— Acautela-te, irmão. Cuidado com esta compra... É um turbante demasiado curto.

## **ONDE IR?**

Certa vez, perguntaram a Nasrudin:

— Numa procissão fúnebre, onde devemos ir? À frente, atrás, ou ao lado?

Nasrudin respondeu:

— Não importa onde se vai, desde que não seja dentro do caixão!

## **A MULHER PERFEITA**

Nasrudin encontrava-se a conversar com um amigo, que lhe perguntou:

— Então, mulá, nunca pensaste em casamento?

— Já pensei. Na minha juventude, resolvi conhecer a mulher perfeita. Atravessei o deserto, cheguei a Damasco, e conheci uma mulher espiritual e linda; porém, não sabia nada das coisas do mundo. Continuei a viagem, e fui a Isfahan; lá encontrei uma mulher que conhecia o reino da matéria e do espírito, mas não era nada bonita. Então resolvi ir até ao Cairo, onde jantei na casa de uma mulher bonita, religiosa e conhecedora da realidade material.

— Boa! E porque é que não te casaste com ela?

— Sabes, amigo, infelizmente, ela também procurava o homem perfeito.

## **A GRAMÁTICA DA VIDA**

Nasrudin trabalhava a transportar pessoas entre as duas margens de um rio muito largo. Certa vez, um homem contratou-o para o transportar no seu barco.

A dada altura, Nasrudin disse algo que contrariava as regras gramaticais.

— Você aprendeu gramática? — perguntou o homem.

— Não, nunca — respondeu Nasrudin.

— Nesse caso, perdeu metade da sua vida — retorquiu o outro.

O mulá não disse nada.

Algum tempo depois, desabou uma terrível tempestade. O barco começou a encher-se de água. Nasrudin ficou em silêncio durante algum tempo, até que finalmente perguntou:

— Você aprendeu a nadar?

— Não, nunca — respondeu o homem.

— Nesse caso — disse Nasrudin —, toda a sua vida se perdeu. Estamos a afundar-nos.

## **PESCAR A LUA**

Certa noite, Nasrudin foi ao poço tirar água. Vendo a Lua refletida no fundo, depressa se dirigiu a casa. Pegou numa corda munida de um forte gancho e lançou-a ao poço. O gancho encaixou-se num pedregulho. Em vão, Nasrudin puxava, puxava. Tanto puxou, que a corda partiu e ele caiu de costas no chão. Virado para o céu, viu então a Lua colocada onde lhe pertencia.

— Louvado e glorificado seja Deus. Sofri muita dor, mas valeu a pena: a Lua está finalmente no seu lugar.

## **MOLHO DE PATO**



Nasrudin aproximou-se de uma fonte onde estavam a nadar uns patos, que se apressaram a voar mal o viram. Nasrudin foi então rapidamente a casa, de onde trouxe pão e uma colher. Chegado novamente à fonte, cortou o pão em bocadinhos, espalhou-o na água e começou a comê-lo à colherada.

— Que comes tu, mulá? — perguntaram uns indivíduos que por ali passavam.

— Ora, que como eu! — exclamou Nasrudin. — Pão com molho de pato!

## **VANTAGENS DE UMA ORAÇÃO**

Certa noite, já deitado na cama, com a mulher ao lado, Nasrudin percebeu que um ladrão estava a tentar entrar na sua casa. Então, disse:

— Sabes, mulher? Quando eu quero entrar pela primeira vez numa casa, rezo esta oração, agarro-me aos raios da Lua e desço comodamente pela chaminé.

Ouvindo isto, o ladrão rezou a oração que acabara de ouvir, agarrou-se aos raios da Lua e preparou-se então para entrar comodamente naquela casa. Mas eis que caiu pesadamente no meio do chão.

Após agarrar o ladrão, Nasrudin gritou:

— Mulher, levanta-te e acende a candeia, que este ladrão já não nos escapa.

— Para quê tanta pressa? — perguntou o ladrão. — Com a tua oração e com a minha inteligência, fico-me por aqui, não vou conseguir escapar tão depressa.

## **CAVALO DESCULPADO**

Nasrudin queria montar um cavalo, mas tentou-o duas vezes em vão, tão assustadiço era o animal. Olhou então para trás, viu que

não havia ninguém e gritou:

— Confessemos que, entre nós, ainda há pior que ele!

## **PRODUTOR DE ALHO PREVIDENTE**

Conta-se que, durante o dia, Nasrudin plantava cuidadosamente alho na horta, mas que, chegada a noite, o arrancava e colocava debaixo da almofada. Ao se aperceberem deste comportamento, algumas pessoas perguntaram-lhe qual era a razão da sua atitude.

— Não se diz que os tesouros se devem guardar debaixo da almofada? Nem a dormir se deve abandonar o que se quer bem — respondeu Nasrudin.

## **CURIOSA EXPLICAÇÃO PARA**

### **A DISPERSÃO HUMANA**

Um dia, perguntaram ao mulá:

— O que leva os habitantes da Terra a viverem em locais diferentes, em vez de se juntarem todos num mesmo local?

— Como é que não compreendem uma coisa dessas? — indignou-se Nasrudin. — Se todos os habitantes se juntassem num mesmo local, esse lado ficaria tão pesado, que faria inclinar o outro, tombando-o.

## **EFEITOS PECULIARES DE UMA RAJADA**

### **DE VENTO**

Conta-se que, certo dia, Nasrudin entrou numa horta e arrancou algumas cenouras e algumas cabeças de nabo, metendo tudo no

seu saco. Surpreendido com a presença dele ali, o hortelão perguntou:

— Ei, tu! O que estás a fazer aí?

— Eu estava a dormir e, repentinamente, ouvi uma ventania, imagina tu... tão forte, que vim parar aqui!

— E quem é que arrancou e levou tudo isto? — insistiu o hortelão.

— Ora, amigo, não vêes que esse vento que me empurrou para aqui continuou a soprar tão forte, que provocou este prejuízo?

— E como é que tudo isto veio parar ao teu saco? — continuou o hortelão.

— Ora, era precisamente nisso que eu estava a pensar quando tu chegaste — rematou Nasrudin.

## **VERDADEIRO MELÓMANO**

— Mulá, que instrumento musical preferes? — perguntaram a Nasrudin.

— Gosto muito da música dos pratos e das panelas — respondeu-lhes.

## **ESCADA DA BOA DESCULPA**

Conta-se que, um dia, Nasrudin pegou numa escada, encostou-a a uma parede e entrou numa horta. Andava ele a arrancar cenouras e nabos quando apareceu o hortelão. Apressou-se então a subir para a escada. Ao vê-lo, o hortelão gritou:

— Mulá, que andas tu a fazer por estes lados?

— Ando a vender escadas!

— Desde quando é que se vendem escadas aqui? — insistiu o hortelão.

— Oh, homem insensato! Não me venhas dar lições. A escada é minha, vendo-a onde eu quiser.

## **CÁLCULO EM POTE DE BARRO**

Reza a história que, num certo ano, no mês do Ramadão, Nasrudin anunciou:

— Para seguir com rigor o avançar do mês, vou ter o cuidado de pôr todos os dias uma pedra dentro de um pote de barro. Contados trinta dias, celebra-se o Bairam.<sup>3</sup>

Dito isto, colocou um pote num determinado lugar, onde metia uma pedra dia após dia do Ramadão.

Dava-se o caso de Nasrudin ter uma filha pequena. Um dia, sem que ele se apercebesse disso, ela meteu dois punhados de pedras dentro do pote. Tempos depois, houve quem perguntasse ao mulá em que dia do mês é que se estava.

— Esperem um pouco. Vou a casa e já vos digo.

Dito isto, correu até casa, entornou o pote e contou as pedras. Eram cento e quarenta e cinco.

— Se eu falar num número destes àquela pobre gente, provavelmente dirão que eu estou maluco — disse para si mesmo. — Então, vou pôr cem de lado e digo-lhes que estamos no quadragésimo quinto dia.

— Amigos, estamos hoje no quadragésimo quinto dia do Ramadão!

Começaram-se todos a rir.

— Um mês só tem trinta dias — gritaram, em uníssono. Não podemos estar no quadragésimo quinto dia!

— Pois fiquem sabendo — contrariou Nasrudin — que, a fazer fé no pote, estaríamos no centésimo quadragésimo quinto dia.

## **O QUE DEUS FAZ DURA PARA SEMPRE**

Nasrudin tinha uma galinha preta. Certo dia, levou-a para a vender no mercado.

— Se esta galinha fosse branca, comprava-ta — comentou um homem que por ali passava.

— Volta amanhã — respondeu Nasrudin. — Terei uma branca para te vender.

O freguês afastou-se, satisfeito.

Nasrudin não perdeu tempo; comprou dois bocados de sabão e, chegado a casa, aqueceu uma panela de água e começou a esfregar a galinha. Esfalfou-se a esfregá-la, gastou todo o sabão, e nada de mudar de cor. Furioso, desabafou:

— Pelo que vejo, o tintureiro não poupou na cor. Bravo a quem tão bem a tingiu!

## **NINGUÉM RESISTE AO LUCRO FÁCIL**

Um dia, foram dizer ao mulá que um aluno se estava a afogar.

— Como fazemos para tirá-lo da água? — perguntavam.

— Algum de vós tem uma bolsa? Mostrem-na ao rapaz. Ele pensará que tem dinheiro e depressa sairá.

## **QUEM MUITO SE QUEIXA ACABA SEM NADA**

Um homem confiou a Nasrudin o seu bando de dez gansos. Levando-os a pastar nos prados, um deles perdeu-se. Chegado o final do mês, Nasrudin foi entregá-los e reclamar o seu salário.

— Falta um ganso. O que aconteceu? — perguntou o dono.

Nasrudin começou a contá-los.

— Ora, acabo de contar dez!

O dono voltou a contá-los. Eram nove.

— A maneira de acabar com isto é chamar dez pessoas e pô-las junto aos gansos — sugeriu Nasrudin. — Cada pessoa agarra num deles e, se cada uma ficar com um ganso, está resolvido.

O dono dos animais aceitou a proposta. Fez-se como combinado: cada um escolheu um ganso, mas a uma das pessoas não coube nenhum. Esta dirigiu-se então ao mulá:

— Já não há ganso para mim. Como vamos fazer agora?

— Ora, amigo, devias ter apanhado um enquanto ainda os havia!

## **NA PORTA**

Um homem sábio agendou um debate com Nasrudin, mas, quando chegou a casa dele, não o encontrou. Furioso, pegou num pedaço de giz e escreveu-lhe na porta: «Estúpido e idiota». Assim que chegou e viu aquilo, Nasrudin correu para a casa do homem.

— Peço desculpa, esqueci-me de que tínhamos combinado um encontro em minha casa. Só me lembrei disso quando vi o seu nome assinado na porta.

## **O PERIGO NÃO TEM FAVORITOS**

Uma senhora levou o filho pequeno à presença do mulá.

— Ele porta-se muito mal — explicou —, e quero que o assuste.

Nasrudin adotou uma postura ameaçadora, com os olhos a flamejar e a cara retorcida. Saltou de um lado para o outro e, de repente, saiu a correr do edifício. A mulher desmaiou. Quando recuperou os sentidos, esperou pelo mulá, que regressou lenta e sobriamente.

— Nasrudin, pedi-lhe que assustasse o meu filho, não que me assustasse a mim!

— Prezada senhora — replicou o mulá —, não viu o quanto eu também fiquei com medo de mim? Quando o perigo ameaça, fá-lo a todos da mesma maneira.

## **CONVITE INFORMAL**

Um dia, Nasrudin seguia tranquilamente o seu caminho, quando encontrou perto de casa um grupo de *sohktas*.<sup>4</sup>

— Caros, venham até à minha casa; vamos comer uma sopinha, sem cerimónias.

— Com todo o gosto — responderam eles, sem se fazerem rogados.

Lá chegados, Nasrudin entrou e perguntou à mulher:

— Tens uma sopa? Deixa ver a panela, para eu repartir a sopa com os meus convidados.

A mulher pôs-se rapidamente à frente do marido e reclamou:

— Pedes-me sopa? Por acaso trouxeste o arroz e a manteiga de que eu precisava?

Ao lado do mulá, estava uma grande panela vazia. Pegou nela, saiu para a rua e, dirigindo-se aos alunos, disse:

— Se houvesse sopa, vejam bem o tamanho da panela da que eu teria para vos oferecer!

## O CALOR DAS VELAS

Nasrudin apostou com vários aldeões que poderia passar uma noite numa montanha próxima e sobreviver, apesar do gelo e da neve. Levou um livro e uma vela, e passou a noite mais fria da sua vida. Pela manhã, quase morto, reclamou o dinheiro.

— Você não tinha mesmo nada que o aquecesse? — perguntaram os aldeões.

— Nada.

— Nem mesmo uma vela?

— Sim, tinha uma vela.

— Então a aposta está cancelada.

Nasrudin não discutiu. Alguns meses depois, convidou as mesmas pessoas para um banquete em sua casa. Elas sentaram-se na sala de estar, à espera da comida. As horas passaram-se. Então, começaram a murmurar sobre a comida e decidiram ir até à

cozinha. Lá, encontraram uma panela enorme com água por cima de uma vela. A água estava fria.

— Ainda não está pronto — comentou o mulá. — Não percebo porquê... está aí desde ontem.

## **UM POUCO MAIS DE TEMPO**

O mulá comprou um burro. Alguém lhe disse que deveria dar ao animal uma certa quantidade de comida todos os dias. Ele achou que era muito. Decidiu que tentaria acostumá-lo a comer menos. Assim, a cada dia, reduzia-lhe um pouco a ração. Finalmente, quando já quase não tinha comida, o burro tombou e morreu.

— Que pena — lamentou-se Nasrudin. — Se tivesse tido um pouco mais de tempo antes de ele morrer, poderia tê-lo acostumado a viver com absolutamente nada.

## **LIÇÃO DE BOAS MANEIRAS**

Depois de ter dado a sua aula, Nasrudin preparava-se para regressar a casa, seguido dos seus alunos. Nasrudin montou o burro, mas às avessas.

— Ei, senhor! — gritaram os estudantes. — Porque monta dessa maneira?

— Se forem à minha frente, irão de costas para mim — explicou. — Se me seguirem, serei eu a ir de costas — continuou. — Esta é a forma mais educada, pois assim ficaremos todos frente a frente.

## **O BARATO SAI CARO**

Um camponês foi a casa do mulá oferecer-lhe uma lebre. Num gesto de agradecimento, Nasrudin deu-lhe jantar e dormida nessa noite. Passados uns dias, apareceram uns homens a pedir-lhe abrigo.



— Somos todos vizinhos do homem que te ofereceu a lebre na semana passada — diziam.

Ainda que relutantemente, Nasrudin recebeu-os em sua casa. Passados mais alguns dias, apareceram outros homens, que reclamavam hospitalidade.

— Somos vizinhos dos vizinhos do homem que te ofereceu a lebre.

Nasrudin recebeu-os. À ceia, encheu um jarro de água e pô-lo sobre a mesa.

— Façam favor! — disse-lhes, convidando-os a que se servissem.

— Mas o que é isto, mulá? Não há nada para comer. Isto é água.

— Isso — respondeu-lhes Nasrudin — é a água do molho da lebre.

## **A LUA DO RAMADÃO**

Ao chegar à cidade de Kara-Hissa, Nasrudin encontrou um grupo de pessoas entretidas a observar o nascer da Lua. Esforçavam-se ao máximo para conseguir vislumbrá-la.

— Mas que país curioso, este! — exclamou Nasrudin. — Quando a Lua está cheia como uma bola, ninguém olha para ela. Agora, que se vislumbra apenas um fino crescente, todos se juntam para admirá-la.

## **UM GALO POUCO ESPERTO**

Enquanto levava uma gaiola de galináceos à cidade de Kara-Hissa, Nasrudin, pelo caminho, pensou:

— Pobres bichos, engaiolados um dia inteiro. Vou abrir a gaiola; pelo menos darão uma voltinha.

Soltou-os à frente do burro e disse:

— Vá, sigam em frente.

As galinhas, mal se apanharam à solta, começaram a correr para cá e para lá.

Nasrudin pegou num pau e começou a correr atrás do galo.

— Como é que tu — gritava ele —, fechado no galinheiro, sabes distinguir quando anoitece e quando amanhece, e agora que te libertei à luz do dia não percebes o caminho a tomar?

## **DELATOR INCOMPREENDIDO**

Certo dia, um homem dirigiu-se a casa do mulá, queixando-se:

— Mulá, houve uma pessoa que quebrou o jejum.

— Foi? — perguntou Nasrudin. — E alguém rezou durante a refeição?

## **FORTE ZOMBARIA**

Nasrudin estava a tentar subir para o seu burro. Deu balanço, saltou para se ajustar à sela, mas caiu do outro lado. As crianças que o cercavam começaram a rir.

— Riem de quê, crianças? Eu estava por terra e agora estou outra vez. É tudo!

## **UM BARQUEIRO PRESTÁVEL**

Nasrudin estava a passear à beira-rio, quando chegaram dez cegos.

— Amigo, ajude-nos a passar para a outra margem — pediram ao mulá. — Oferecemos-lhe uma moeda cada um.

Nasrudin aceitou a oferta. Pediu para que se metessem dentro de água e se agarrassem uns aos outros. Estavam já no meio do rio quando um dos cegos escorregou, se deixou cair e foi levado pela corrente. Os outros começaram então a gritar.

— O rio tomou um de nós — diziam. — Já está perdido.

— Ora essa! — respondeu Nasrudin. — Deixem-no partir. Para quê tanta inquietação? Dão-me uma moeda a menos, está feito!

## **O QUE SE ADIA NÃO SE PERDE**

Um dia, um boi entrou nos terrenos do mulá. Ao avistá-lo nas hortas, Nasrudin pegou num pau e preparou-se para lhe bater, mas o animal, apercebendo-se da sua intenção, fugiu com toda a pressa. O mulá perseguiu-o, mas não conseguiu apanhá-lo.

Passados alguns dias, Nasrudin reconheceu o boi atrelado à charrete de um turco que se dirigia ao mercado. Pegou então num pão e começou a bater no animal.

— Que fazes tu, homem? — gritou o turco. — Ensandeceste? Porque bates nesse boi que não te fez mal algum?

— Só dizes asneiras, turco ignorante — respondeu-lhe Nasrudin. — O animal sabe bem qual o motivo das vergastadas que leva.

## **HÁ QUEM SE JULGUE**

### **O CENTRO DAS ATENÇÕES**

Nasrudin encontrou uma moeda de prata enquanto passeava no mercado. Apanhou-a, subiu a um monte e disse:

— Porque andais todos vós para a frente e para trás? Perda de tempo, pois já encontrei a moeda de prata perdida!

### **NEM TUDO SERVE DE EXEMPLO**

«Porque será que todas estas árvores dão fruto e eu não?», pensou Nasrudin. «Certamente, se me plantassem, também eu daria frutos.»

— Enterra-me — ordenou a um dos aldeões que estavam obrigados a obedecer-lhe.

Conduziram então Nasrudin para um local húmido e enterraram-lhe os pés. Depois de os camponeses partirem, Nasrudin manteve-se ali durante algum tempo, mas não tardou que começasse a sentir frio.

— Isto não me está a agradar — disse para si.

Lutou para se soltar e acabou por conseguir, com alguma dificuldade. Chegado à aldeia, os camponeses gritaram:

— Depressa deste os frutos, mulá, mas onde estão eles?

— Os frutos nasceram — respondeu Nasrudin —, mas o frio fê-los cair.

## **ESTADA PROLONGADA**

Nasrudin parou para urinar num certo sítio e deu-se o acaso de, lá perto, haver uma fonte, que corria com um ligeiro sussurro. Nasrudin permaneceu ali um dia e uma noite, julgando estar sempre a urinar.

— Mulá, porque estás aí parado? — perguntaram umas pessoas que por ali passavam.

Ele não respondeu.

— Ei, mulá? Que fazes aí? — insistiram.

— Amigos, eu não sou Nasrudin — respondeu-lhes, então. — Agora sou uma fonte. Antes era Nasrudin, sim, mas transformei-me em fonte.

— Então, onde está a água que de ti jorra?

— Não ouvem o sussurrar? — respondeu-lhes. — Ouve-se cada vez melhor.

## **AFASTAR TIGRES**

Nasrudin estava a espalhar migalhas de pão à volta da casa.

— Porque é que está a fazer isso? — perguntou a mulher.  
— Para manter os tigres afastados da nossa casa — respondeu Nasrudin.  
— Mas não existem tigres à volta da nossa casa, Nasrudin!  
— Exatamente — respondeu o mulá. — Funciona ou não funciona?

## **DESEJOS**

Nasrudin reuniu numa festa todos os seus discípulos. Depois de jantar, restava um prato de doces em cima da mesa. Ele convidou-os a comê-los.

— Mestre, estás a testar-nos, para ver se conseguimos controlar os nossos desejos — disseram eles.

— Nem pensar — contrapôs o mulá. — A melhor maneira de dominar um desejo é vê-lo satisfeito. Prefiro que fiquem com os doces no estômago do que no pensamento, que deve ser usado para coisas mais nobres.

## **NOVO MÉTODO PARA PARTEIRAS**

Na aldeia do mulá, uma mulher não estava a conseguir dar à luz, sentindo dores tremendas.

— Vai a correr pedir ao mulá que faça uma oração, que reze por ela — disse alguém ao marido. — Se ele rezar a Deus com muita convicção, vamos conseguir fazer o parto.

O homem foi o mais depressa que pôde, explicou a situação e implorou pelas orações do mulá.

— As minhas orações não lhe serviriam de nada — respondeu Nasrudin. — Despacha-te e vai a correr pôr umas nozes numa peneira, entrega-a à parteira e pede-lhe que a sacuda fortemente em frente à mulher. Assim que a criança ouvir o barulho das nozes, sairá cá para fora para poder brincar com elas.

## QUANTO VALE UM BOM CONSELHO

Certo dia, Nasrudin preparava-se para fazer uma visita ao príncipe Tamerlão. Foi ao pomar e colheu um cesto de marmelos. A meio do caminho, encontrou um conhecido.

— Aonde vais, mulá? — perguntou-lhe o homem.

— Há muito tempo que não visito o príncipe Tamerlão — respondeu Nasrudin. — Vou agora a caminho.

— E o que é isso?

— É um presente para o príncipe — prosseguiu Nasrudin.

— Mas os marmelos ainda não estão bons — aconselhou o homem. — Agora é tempo de figos. Leva-lhe alguns que estejam maduros.

Sem mais delongas, Nasrudin regressou a casa, deitou fora os marmelos e colheu os figos, sem se dar conta de que ainda estavam verdes e ácidos. Dirigiu-se novamente a casa do príncipe, saudou-o e ofereceu-lhe os figos numa bandeja de madeira.

— Meu senhor — cumprimentou.

De imediato, o príncipe pegou num figo que lhe pareceu maduro e meteu-o na boca. De pronto, deitou-o fora e ordenou, irritado, que atirassem os figos à cara do mulá. Os súbditos atiraram-nos, um atrás do outro. A cada um que lhe atiravam, Nasrudin gritava:

— Senhor meu Deus, muito Vos agradeço!

— Mulá — interrompeu o príncipe —, o que tanto agradeces? Devo considerar que me insultas?

— Dou graças porque ia trazer marmelos e, Deus seja louvado, aconselharam-me a substituí-los por figos. Se tivesse trazido os marmelos, como estaria agora a minha cara?

## OS GANSOS DE TAMERLÃO

Nasrudin assou um ganso para oferecer ao príncipe. Pelo caminho, teve fome. Arrancou uma perna do animal, tentou dissimular a coisa e prosseguiu caminho. Colocou a oferenda frente

ao trono do príncipe. Este, dando conta da perna em falta, interrogou Nasrudin:

— Como é que este ganso só tem uma perna?

— Neste país — respondeu-lhe Nasrudin —, os gansos só têm uma perna. Se não acredita, vinde ver com os vossos olhos. Mas o meu senhor terá de se dar ao trabalho de sair do seu palácio.

— O príncipe aceitou e montou o cavalo. Depressa chegaram à beira de um pântano. Quis Deus que, sendo inverno, todos os gansos tivessem uma pata encolhida, descansando sobre a outra.

— Veja com os seus olhos, senhor! — exclamou Nasrudin.

O príncipe fez um sinal. Os tambores começaram a rufar, os gansos assustaram-se, apoiaram-se nas duas pernas e começaram a correr.

— E agora? — gritou o príncipe. — Vê-los a correr com as duas pernas?

— Ora, meu senhor — respondeu Nasrudin —, podendo levar com as baquetas, até o meu senhor andaria de quatro!

## **COMO ASSUSTAR UM CONQUISTADOR**

Conta-se que, certa vez, Tamerlão estava perto da aldeia do mulá. Os habitantes reuniram-se e foram ter com Nasrudin, pedindo-lhe que tentasse impedir a entrada de Tamerlão na aldeia. Nasrudin começou imediatamente a fazer um turbante do tamanho da roda de uma carroça, montando em seguida um burro para ir ao encontro de Tamerlão. Este ficou estupefacto com o que viu:

— Mulá! Que turbante é esse?

— É a minha touca de dormir — respondeu Nasrudin. — Desculpe se a trouxe posta. Mas o turbante que uso de dia vem atrás, num atrelado.

Tamerlão, assustado com a estranha e enorme forma de penteados dos habitantes, desistiu de passar por esta aldeia.

## BOI EM VEZ DE CAVALO

O príncipe Tamerlão quis fazer uma partida de *djérid*<sup>5</sup> e convidou Nasrudin para participar no jogo. Este chegou ao hipódromo montado num enorme boi. A assistência riu-se muito ao vê-lo entrar.

— Ei, mulá — diziam —, nunca ninguém viu um boi em campo.

— Porque se riem assim, meus senhores? — perguntou Nasrudin. — Já o vi correr mais depressa do que um cavalo, nos tempos em que era um bezerro. Vamos ver como corre agora!

## ESCAPAR À CHUVA

Conta-se que, um dia, o príncipe Tamerlão levou Nasrudin à caça, mas deu-lhe uma pileca como montada. No decurso da caçada, quis Deus que comesse a chover. Cada um apressou o seu cavalo, fugindo como pôde, chegando ao palácio sem se molhar. Nasrudin queria fazer o mesmo, mas a sua montada não saía do lugar. Ante tal impossibilidade, desceu do animal, despiu a roupa, fez uma trouxa, colocou-a no dorso da pileca e sentou-se em cima. Quando finalmente parou de chover, voltou a descer, vestiu-se e foi ter com o príncipe. Este observou que as roupas do mulá estavam secas.

— Como conseguiste essa proeza? — perguntou-lhe.

— A minha montada é um cavalo valoroso. Depois da vossa partida, cheguei a uma aldeia e fiquei lá até a chuva parar. Depois, segui caminho e aqui estou, como pode ver.

— Este cavalo deve ser mesmo bom — disse o príncipe para si mesmo.

Os criados procuraram então uma ocasião em que o príncipe o pudesse montar, passados que fossem alguns dias.

Quando foi novamente à caça, o príncipe montou aquele cavalo. Deus quis que voltasse a chover. Cada um fugiu como pôde, e o príncipe tentou fazer correr a sua montada, mas ela não saía do lugar. Já todo o seu séquito se tinha afastado, e ali estava ele todo encharcado. Quando regressasse, iria dizer das boas ao mulá.



— Queixa-se de quê? — perguntou-lhe Nasrudin. — Devia ter tirado a roupa, ter-se sentado em cima dela até a chuva passar e ter-se vestido em seguida.

## **OUVIR MÚSICA EM SILÊNCIO**

Certo dia, o príncipe pediu insistentemente ao mulá que tocasse guitarra.

— Queremos ouvir-te — insistia.

Trouxeram o instrumento. Nasrudin, não resistindo aos pedidos do príncipe, pegou no instrumento, tocou uma vez numa única corda e parou.

— Mulá, porque deixaste de tocar?

— Estou a ouvir o zumbido de um mosquito. No meio deste ruído, o som da minha guitarra ficaria abafado.

## **APROVEITAR-SE DA DOENÇA**

Nasrudin andava a viajar e, pelo caminho, encontrou uma aldeia. Estava a morrer de fome. Após entrar na aldeia, perguntaram-lhe qual era a sua profissão.

— Médico — respondeu.

— Se és médico, acompanha-nos. Vais ver o filho do príncipe, que está doente.

— Muito bem — concordou ele.

Foram à mansão do príncipe. Este tratou Nasrudin respeitosamente.

— Que tratamento ordenas para o meu filho? — perguntou-lhe.

— Há cá em casa pão, manteiga e mel?

— Há — respondeu-lhe ele.

— Tragam-mos — pediu Nasrudin. — Por feitiço médico, farei com eles um excelente remédio.

Trouxeram-lhe o que ele tinha pedido. Misturou rapidamente o mel com a manteiga e, para testar em si o efeito de tal medicamento, começou a comer o preparado. Não tardou a ouvir-se do interior do harém:

— Médico, o que se passa? A criança morreu.

— Morreríamos os dois — respondeu-lhes — se eu não tivesse tomado este alimento!

## **AULA DE COSMOGRAFIA**

Reza a história que, certo dia, três monges foram à presença do sultão Ala-Eddin.

— Vamos colocar-vos três questões, a vós que sois muçulmanos. Se conseguirem responder, optaremos pela vossa religião.

O padixá reuniu os seus sábios, ordenando-lhes que respondessem aos monges. Estes não conseguiram.

— Só uma pessoa poderá responder — disseram eles ao seu sultão — e chama-se Nasrudin.

O sultão enviou rapidamente um mensageiro que convidava Nasrudin à sua presença. Este montou o seu burro e pôs-se a caminho.

— Estou pronto — disse Nasrudin aos monges. — Quais são as vossas questões?

— Onde se situa o meio da Terra? — perguntou um deles.

— Eu próprio já levantei essa questão — respondeu Nasrudin. — O meio da Terra fica entre as pernas do meu burro, que está ali, de pé.

— Como pode prová-lo? — perguntou o monge.

— Se não acredita, pegue numa corda e meça.

— Quantas são as estrelas deste céu que nos encima? — perguntou então outro dos monges.

— Tantas quantos os pelos que cobrem o meu burro — respondeu rapidamente Nasrudin.

— Baseia-se em quê? — questionou o monge.

— Se não acredita — disse-lhe —, só tem de ir contá-los.  
O terceiro monge avançou então para a pergunta seguinte.  
— Quantos pelos tem a minha barba?  
— Tantos quantos os do rabo do meu burro — responde Nasrudin.  
— Como pode prová-lo? — perguntou o monge.  
— Se não acredita, verifique por si mesmo, arrancando à vez um pelo da sua barba e um pelo do rabo do burro.  
Convencidos, os monges converteram-se à religião muçulmana.

## MILAGREIRO ATRAPALHADO

Conta-se que, numa das suas viagens, Nasrudin entrou um dia numa certa aldeia. As pessoas deram pela presença dele e perguntaram-lhe qual era a sua profissão.

— Por vontade de Deus — respondeu Nasrudin —, ressuscito os mortos.

Acreditaram nele, acolheram-no, e ele por ali foi ficando, a comer, a beber e a divertir-se durante cerca de um ano. Porém, quis Deus que viesse a morrer um tecelão local. Acorreram rapidamente a casa do mulá.

— Vem ressuscitá-lo — pediram-lhe.

Nasrudin dirigiu-se a casa do defunto e pôs-se à sua cabeceira.

— Gente, o que fazia este homem?

— Era tecelão — responderam os que o rodeavam.

— Que pena! — lamentou-se Nasrudin. — Este caso é irreparável!

— Como é que é isso? — perguntaram-lhe.

— Ora! — exclamou Nasrudin. — Quando um tecelão morre, não é possível ressuscitá-lo.

— Então porquê? — quiseram saber os circunstantes.

Nasrudin explicou.

— Enquanto viveu, passou o tempo com as pernas metidas num buraco. Portanto, tinha evidentemente o destino traçado: seguir as

pernas para a cova.

## **O PEIXE E O FOLGAZÃO**

A mãe do mulá estava a cozinhar peixes, uns grandes e outros pequenos, e ele apreciava a cena pelo buraco da fechadura.

— Nasrudin está para chegar — dizia a mãe ao pai. — Vamos guardar estes peixes grandes debaixo da cama e servimos os pequenos. Quando se for embora, tiramos os grandes e comemos os nós.

Nesse momento, Nasrudin entrou.

— Vem comer peixe connosco, meu filho — convidaram.

Sentaram-se e serviram os peixinhos. Nasrudin pegou num e encostou-o ao ouvido.

— Ora, meu filho, que maneiras são essas? — perguntou o pai.

— Estou a perguntar uma coisa ao peixe — respondeu Nasrudin.

— E então, que perguntas tu?

— Quis saber que peixe escolheu Jonas. Ele não me soube responder, mas disse-me para perguntar aos peixes maiores que estão debaixo da cama. Talvez eles saibam.

## **DISCUSSÃO NOTURNA**

Um dia, quando já estava deitado, Nasrudin começou a ouvir uma discussão no meio da rua. Sem demoras, atirou a coberta da cama por cima da cabeça, abriu a porta e saiu lá para fora. Apareceu então um homem, que puxou a coberta com que se tapava. Um outro puxou pela touca de dormir e ambos fugiram. Desgostoso, Nasrudin voltou para casa.

— Mulher, discutiam pela coberta e pela touca. Quando mos levaram, acabou a discussão.

## **A BRINCADEIRA NÃO TEM LIMITES**

Conta-se que, um dia, Nasrudin estava a brincar às escondidas com os amigos, e cada um se escondeu num local diferente. No caso do mulá, saiu de Aksehir, dirigiu-se a Konya e escondeu-se num minarete. Os amigos não o viram durante vários dias. A mulher e a família procuraram-no por todo o lado.

— Mulá, onde andas? Aparece!

Os dias passavam, e já o tinham procurado sem sucesso por todo o lado, até que, por um acaso, chegou uma caravana a Aksehir proveniente de Konya. Toda a gente queria saber do mulá e perguntaram às pessoas da caravana se o viram.

— Vimo-lo, sim, em Konya — responderam várias pessoas.

Depois desta descoberta, enviaram-se homens a Konya, expressamente para procurá-lo. Aí chegados, procuraram-no por todos os lados. Do alto do minarete, Nasrudin, que os observava, gritou-lhes:

— Não me encontraram! Ganhei, ganhei!

## **NOTÍCIAS DO OUTRO MUNDO**

— Como é que sabes se uma pessoa está morta? — perguntou Nasrudin à sua esposa.

— Se ela tiver os pés frios — respondeu a mulher.

Dias depois, Nasrudin foi à montanha cortar lenha. Era um dia de inverno. Enquanto fazia de lenhador, começou a sentir os pés frios, um frio de morte. As palavras da mulher vieram-lhe imediatamente à mente.

— Estou morto! — começou a gritar. — Não tenho dúvidas, estou morto!

Atirou-se para o meio do chão, vieram os lobos, atacaram o burro e comeram-no.

Nasrudin, continuando deitado, observou a cena:

— Veem que o dono está morto, comem o burro —

exclamou.

No dia seguinte, a mulher, vendo que Nasrudin não tinha regressado, subiu à montanha para ver se o encontrava. O mulá, esticado no chão, chamou-a e disse-lhe:

— Ó mulher minha, não me vês aqui estendido no chão e morto? Vai depressa levar a notícia à aldeia, para que venham buscar-me.

A mulher apressou-se a contar o sucedido aos aldeões. Estes chegaram, levantaram Nasrudin e levaram-no para lhe dar sepultura. Pelo caminho, passaram por um ribeiro, que tinham de atravessar. Não sabiam como o fazer e andavam ali, de um lado para o outro. Foi então que Nasrudin ergueu a cabeça.

— Quando eu estava vivo, passava por ali — disse, indicando-lhes o lugar adequado.

Conseguiram então atravessar o ribeiro, sempre a carregá-lo, colocando-o finalmente na sepultura, e afastando-se. Nessa altura, Nasrudin começou a ouvir tocar os sinos.

— Vou ser interrogado — disse para si mesmo.<sup>6</sup>

Ergueu então a cabeça da sepultura, espreitou e viu várias filas de mulas a avançar. Mal viram Nasrudin, assustaram-se e soltaram-se rapidamente dos cabrestos, fugindo em todas as direcções. Os condutores das mulas aproximaram-se e viram Nasrudin dentro da sepultura.

— Porque assustaste as mulas que conduzíamos? — perguntaram, enchendo-o de pancada.

Mal os condutores das mulas o deixaram, saiu da sepultura e foi para casa. Os aldeões, ao vê-lo, juntaram-se imediatamente em volta da sua casa.

— Nasrudin voltou — gritavam. — Mulá, diz-nos, o que há no outro mundo? Conta-nos tudo!

— O que é que isso vos interessa? — respondeu-lhes. — Deixem-se de perguntas; contentem-se em saber que por lá não se devem assustar as mulas, caso contrário levam uma carga de porrada.

## **VANTAGEM DE INVOCAR A PROVIDÊNCIA**

Nasrudin foi para o campo ceifar. Ao cair da noite, parou os trabalhos e regressou a casa.

— Já ceifaste muito hoje? — perguntou-lhe a mulher.

— Ainda tenho trabalho para amanhã até ao meio-dia — respondeu Nasrudin.

— Não te esqueças de dizer «Se Deus quiser» — repreendeu a mulher.

— Se tivesse invocado o Seu nome e me detido em oração, não teria conseguido ceifar tanto — garantiu Nasrudin.

Ao raiar da manhã, pegou na foice e seguiu para a seara. Pelo caminho, cruzou-se com cavaleiros que o obrigaram a andar à frente deles para lhes indicar o caminho. À tardinha, dispensaram-no. Nasrudin esquivou-se apressadamente. Por volta da meia-noite, chegou a casa e bateu à porta.

— Quem está aí a uma hora destas? — perguntou a mulher.

— Sou eu, mulher — respondeu Nasrudin. — Se Deus quiser. Abre-me a porta.

## **UM MARIDO ATENCIOSO**

Uma vez, a mulher do mulá pediu-lhe:

— Oferece-me um lenço de cabeça encarnado do lémen.

— Nasrudin abriu os braços e perguntou:

— Chega deste tamanho? Está bem desta largura?

Enquanto se dirigia ao mercado, sempre de braços abertos, encontrou-se com um homem pelo caminho.

— Ó homem, toma cuidado por onde andas — gritou-lhe Nasrudin — ou fazes com que eu perca as medidas!

## **IDIOTA OU SÁBIO?**

Todos os dias, Nasrudin ia até ao mercado. As pessoas adoravam vê-lo a fazer figura de idiota, usando o seguinte truque: mostravam duas moedas, com uma delas a valer dez vezes mais do que a outra. Nasrudin coçava a cabeça e, depois de um tempo, escolhia sempre a de menor valor.

Um dia, um amigo, cansado de ver Nasrudin a ser ridicularizado daquela maneira, chamou-o e disse:

— Sempre que te oferecerem duas moedas, escolhe a de maior valor. Assim terás mais dinheiro e os outros não te considerarão um idiota.

Nasrudin respondeu:

— Em certa medida, tens razão, mas, se eu escolher a moeda maior, as pessoas vão deixar de me oferecer dinheiro para provarem que sou mais idiota do que elas. Não fazes ideia de quanto dinheiro já ganhei à custa deste truque. — E acrescentou: — Não há nada de errado em passares por idiota se aquilo que estiveres a fazer for inteligente.

## **HÁ UMA VERDADE OCULTA**

### **NAS SUAS HISTÓRIAS?**

Algumas pessoas que admiravam Nasrudin perguntaram-lhe:

— Dizem que as suas histórias estão cheias de verdades e de sentidos ocultos, Nasrudin. Estão mesmo?

— Claro que não! — respondeu ele.

— Porque não? Porque é que você diz isto com tanta convicção? — perguntaram.

— Simplesmente, porque nunca falei a verdade em toda a minha vida, nem uma vez sequer; e tão-pouco serei capaz de o fazer um dia — finalizou Nasrudin.

## **AMIGO DA MUDANÇA**



Certo dia, um amigo de Nasrudin disse:

— Vou mudar-me para outro lugar. Dás-me o teu anel? Dessa forma, lembrar-me-ei de ti sempre que olhar para ele.

— Bem — respondeu Nasrudin —, mas podes perder o anel e depois esquecer-me. Se não te der o anel, de cada vez que olhares para o teu dedo e não o vires, vais-te lembrar de mim.

## **PÉS DORIDOS**

Alguém que não sabia escrever pediu a Nasrudin que lhe redigisse uma carta. Porém, ele recusou:

— Infelizmente, não posso, doem-me os pés.

— Os pés? Mas o que é que isso tem que ver com escrever uma carta à mão?

— Bem — explicou Nasrudin —, como tenho uma caligrafia que ninguém percebe, depois tenho de ir lê-la ao destinatário.

## **ESPAÇO A MENOS**

Certo dia, o vizinho queixava-se a Nasrudin:

— Eu, a minha esposa, os meus três filhos e a minha sogra compartilhamos a mesma casa. E estamos constantemente com problemas devido ao facto de o espaço ser tão pequeno. Mulá, você que é um homem sábio, tem algum conselho para me dar?

— Claro. Têm galinhas no quintal? — questionou Nasrudin.

— Sim, temos dez galinhas — respondeu o vizinho.

— Então, coloque-as dentro de casa — disse Nasrudin.

— Mas, mulá — disse o vizinho —, a nossa casa já é muito apertada como é!

— Experimente — insistiu.

O homem, aflito para encontrar uma solução, seguiu o conselho. No dia seguinte, fez outra visita a Nasrudin.

— Mulá, as coisas agora estão ainda piores, com as galinhas dentro de casa.

— Claro. Vocês têm um burro no vosso quintal? — indagou Nasrudin.

— Sim, temos um burro — respondeu o vizinho.

— Então, coloque-o dentro de casa — disse Nasrudin.

— Mas, mulá — exclamou o vizinho —, isso vai piorar a situação ainda mais!

— Experimente — respondeu Nasrudin.

O homem, desesperado, lá seguiu o conselho. No dia seguinte, fez-lhe uma nova visita, mais atormentado do que nunca.

— Mulá, as coisas agora estão ainda piores, com as galinhas e o burro dentro de casa.

— Bem, vocês têm mais algum animal no vosso quintal? — perguntou Nasrudin.

— Sim, ainda temos um bode — respondeu o homem.

— Muito bem. Leve o bode para casa também — disse Nasrudin.

Mais uma vez, o vizinho reclamou imenso, mas o mulá convenceu-o a colocar o bode dentro de casa.

No dia seguinte, o homem voltou:

— Mulá, todos os seus conselhos só pioraram a situação. A minha família está muito chateada. Reclama agora, mais do que nunca, da falta de espaço. Os seus conselhos não estão a resultar.

— Espere — respondeu Nasrudin. — Agora volte a colocar os animais no quintal.

O homem percebeu finalmente o plano do mulá. No dia seguinte, toda a família estava feliz e tinha parado de reclamar.

## **QUEM SOU EU?**

Depois de uma longa viagem, Nasrudin perdeu-se entre a multidão de uma grande cidade.

— Num lugar assim — refletia ele —, pergunto-me como é que as pessoas fazem para não se perderem de si mesmas. Devo recordar-

me bem de quem sou, caso contrário posso perder-me de mim mesmo.

De noite, no alojamento onde ia pernoitar, abordou aquele dilema com um dos homens que partilhavam com ele o quarto.

— Muito simples — disse-lhe o homem, que era um brincalhão —, aqui tens um balão; basta amarrá-lo na tua perna e, quando acordares, procura o homem que o tem amarrado na perna. Esse homem serás tu.

Nasrudin agradeceu:

— Excelente ideia!

A meio da noite, Nasrudin acordou e encontrou o balão amarrado na perna do vizinho brincalhão. Em pânico, abanou o homem, até que ele despertou. — Acorda! Acorda! Não sei o que fazer!!!

— O que se passa? — perguntou-lhe o homem.

Nasrudin apontou para o balão:

— Pelo balão na sua perna, vejo que você sou eu. Mas, se você sou eu, pelo amor de Deus, quem sou eu?

## **IMAGINAÇÃO**

Um belo dia, alguns amigos viram Nasrudin, de joelhos, à beira de uma lagoa, adicionando um pouco de iogurte velho à água. Um dos homens perguntou:

— O que está a tentar fazer, Nasrudin?

— Estou a tentar fazer iogurte — respondeu.

— Mas não é assim que se faz iogurte! — disse um dos amigos.

— Sim, eu sei; mas imagine que resultava!

## **PREVENÇÃO**

Nasrudin entregou um cântaro ao filho e mandou-o buscar água a um poço.

— Vai com cuidado e não deixes cair o cântaro — gritou-lhe, enquanto lhe batia.

Um vizinho que assistia a tudo perguntou-lhe:

— Mulá, porque é que bates em alguém que não fez nada de mal?

— Seria melhor que eu lhe batesse depois de quebrar o cântaro, quando este e a água estivessem ambos perdidos? Desta forma, ele vai manter-se atento.

## **COERÊNCIA**

Nasrudin foi chamado ao tribunal e o juiz começou por lhe perguntar qual era a sua idade.

— Senhor juiz, tenho 40 anos — respondeu o mulá.

— Mas você esteve aqui há cinco anos e, quando lhe fiz essa pergunta, respondeu que tinha 40 anos — disse o juiz.

— Como vê, senhor juiz, sou muito coerente naquilo que digo.

## **UMA QUESTÃO DE PERSPETIVA**

Num determinado momento, enquanto caminhava de regresso a casa, Nasrudin perguntou aos seus botões:

— Porque não seguir um atalho através daquela floresta tão bonita, em vez de enveredar por esta estrada poeirenta?

E assim fez. Um pouco mais adiante, o chão desapareceu-lhe debaixo dos pés e, quando se deu conta, viu que estava no fundo de um fosso.

«Ainda bem que segui por este atalho», pensou. «Se isto me sucedeu no meio de tamanha beleza, que catástrofes poderiam ter acontecido se tivesse seguido por aquela estrada poeirenta?»

## **MENDIGOS**

Certa vez, Nasrudin saiu da mesquita e perguntou a um mendigo sentado na rua:

— Você é preguiçoso?

— Sim, mulá.

— Gosta de se sentar aí e fumar à toa?

— Gosto.

— Aprecia beber com os amigos?

— Sim, mulá.

— Bem, chega — disse o sábio, e deu-lhe uma moeda de ouro.

Alguns passos adiante, Nasrudin foi abordado por outro mendigo, que tinha assistido à cena e lhe pediu uma esmola.

— Você é preguiçoso? — perguntou o mulá.

— Não, mestre — respondeu o mendigo.

— Gosta de se sentar por aí e fumar à toa?

— Não, mulá.

— Provavelmente, gosta de beber com os amigos...

— Não, mestre, só quero viver modestamente e rezar.

O mulá deu-lhe então uma pequena moeda de cobre.

Inconformado, o mendigo queixou-se:

— Mulá, porque é que me deu uma moeda de cobre a mim, um homem místico, que leva uma vida simples, e ofereceu uma moeda de ouro àquele preguiçoso e indolente?

— Ah — respondeu o mulá —, porque as necessidades dele são muito maiores do que as tuas.

## **FORÇA E FRAQUEZA**

Certo dia, Nasrudin foi à corte usando um magnífico turbante. A intenção dele era despertar o desejo do rei e vender-lhe o turbante.

— Nasrudin, quanto é que pagou por essa maravilha?

— Mil moedas de ouro, majestade.

O vizir percebeu a esperteza e segredou ao rei:

— Ninguém, além de um idiota, pagaria tanto por um turbante.

O rei, influenciado pelo comentário, disse a Nasrudin:

— Porque é que você pagou tanto? Nunca ouvi falar de alguém que tivesse dado essa quantia por um turbante.

— Paguei tal fortuna, porque sabia que, em todo o mundo, apenas o maior dos reis o poderia usar.

Sensibilizado pelo elogio, o rei decidiu comprar o turbante pelas mil moedas de ouro.

Pouco depois, ao encontrar-se a sós com o vizir, Nasrudin disse-lhe:

— O vizir pode conhecer o valor de um turbante, mas eu conheço o caráter dos reis.

## **DINHEIRO**

Nasrudin foi ter com um vizinho rico e pediu-lhe algum dinheiro.

— Para que quer o dinheiro? — perguntou o vizinho.

— Para comprar um elefante — respondeu Nasrudin.

— Mulá, se você não tem dinheiro, nunca poderá sustentar um elefante — argumentou o homem.

Nasrudin disse:

— Caro amigo, eu pedi-lhe dinheiro, não lhe pedi conselhos!

## **QUEM PEDE SABÃO PRECISA DE SE LAVAR**

Um dia, Nasrudin acompanhou a mulher à ribeira para lavar roupa interior. Apareceu um corvo, vindo sabe-se lá de onde, roubou o sabão e voou com ele.

— Ora esta, mulá! — gritou a mulher. — Vem aqui depressa; um corvo fugiu com o sabão.

— Cala-te, mulher, não te queixes. Deixa-o levá-lo. Com certeza, tem mais necessidade do que nós de entrar numa barrela para clarear.

## **MORRER**

Numa viagem a um país estrangeiro, Nasrudin foi confundido com um malfeitor foragido da justiça. Foi preso e condenado à morte. Era comum naquele país que o condenado tivesse o direito de satisfazer a sua última vontade. Quando lhe foi perguntado qual era a sua, Nasrudin respondeu:

— Quero escolher a forma como vou morrer!

O juiz disse a Nasrudin:

— Muito bem, isso ser-lhe-á concedido. De que forma escolhe morrer?

Nasrudin respondeu:

— De velho!

## **UM MARIDO OBEDIENTE**

—Fazia-te bem saíres um pouco — disse-lhe uma vez a mulher.

Ao ouvir isto, Nasrudin foi até à cidade e por lá ficou. Os dias foram-se passando. Certo dia, encontrou um dos seus amigos e fez-lhe um pedido.

— Fazes-me o favor de ir perguntar à minha mulher se já chega ou se ainda devo ficar mais tempo fora?

## **JUSTIÇA OU DINHEIRO**

Certo dia, um juiz perguntou a Nasrudin:

— Mulá, no caso de ter de optar entre a justiça e o dinheiro, o que escolheria?

— O dinheiro, é claro! — respondeu Nasrudin, sem pestanejar.

— O quê?! — exclamou o juiz. — Pois eu escolheria a justiça sem pensar duas vezes, porque ela não é fácil de ser encontrada, enquanto o dinheiro não é tão raro assim. Estou espantado com a sua opção. Não o julgava tão ambicioso, sendo um mulá!

— Meritíssimo, cada um deseja aquilo que mais lhe falta! — respondeu tranquilamente o mestre Nasrudin.

## **SUOR DE NEGRO**

Nasrudin tinha um aluno negro. Um dia, entornou um tinteiro sobre as suas vestes e foi dar aula nesse estado.

— O que tem na roupa? — perguntaram-lhe.

— Estava atrasado para a aula — respondeu, de pronto, Nasrudin. — Vínhamos cheios de pressa, este pobre diabo e eu. Ele estava a transpirar. O que veem nas minhas roupas é o suor dele.

## **EXEMPLO DO RESPEITO A DEUS**

Nasrudin e um outro homem caminhavam juntos há um dia. A certa altura, viram aproximar-se um cavaleiro que seguia em sentido contrário. Este abeirou-se deles e dirigiu-se ao homem que estava ao lado do mulá.

— Põe-te imediatamente à minha frente e faz de meu guia — ordenou.

— Eu sou criado e escravo de um senhor — respondeu-lhe aquele.

Conseguiu safar-se dessa maneira.

— Então — prossegue o cavaleiro, dirigindo-se ao mulá —, vem tu servir-me de guia.

— Eu sou — responde-lhe este — servo e escravo do Senhor Todo-Poderoso.

Mal Nasrudin acabou de pronunciar estas palavras, o homem levantou o chicote como se fosse bater-lhe. O pobre mulá, sem oferecer qualquer resistência, posicionou-se junto ao cavalo e conduziu o cavaleiro.

— Como é possível — dizia Nasrudin para si mesmo no seu percurso — que o Criador permita que o meu companheiro se livre deste aperto fazendo-se passar por servo de um qualquer mortal e que eu, intitulado-me escravo do Deus Todo-Poderoso, não me tenha livrado?



Caminhava assim com estes pensamentos quando, subitamente, ouviu um ruído atrás de si, logo seguido de um grito com estrondo. Espantado, perguntava-se o que teria acontecido, quando se apercebeu de que o cavaleiro a quem servia de guia tinha caído da montada e estava morto, estendido no chão.

## **TODOS OU UM?**

Em certo momento, a população zangou-se com Nasrudin e quis expulsá-lo da cidade. Queixaram-se dele ao juiz e este viu-se obrigado a intimar Nasrudin e dizer-lhe:

— Mulá, o povo da cidade não te quer. Todos desejam que te mudes para outro lugar.

— Meritíssimo, eu é que não gosto do povo daqui — respondeu Nasrudin. — No que me diz respeito, podem todos ir embora da cidade!

— Mas eles são muitos, e tu és só um! — contrapôs o juiz.

— Então, já que são muitos, é ainda mais fácil para eles. Podem trabalhar juntos e construir uma cidade onde quer que o desejem. Já eu, como é que posso, na minha idade, construir uma casa nova e cultivar um jardim noutro lugar?

## **MELHORAR UMA VOZ DESAFINADA**

Nasrudin foi tomar banho. Sozinho, muito contente e a usufruir do momento, pôs-se a cantar uns versos. Nesse lugar recôndito, a sua voz parecia-lhe bonita e agradável.

— Não é coisa a desperdiçar — comentou consigo mesmo. — Como deixar ao esquecimento uma voz maviosa assim?

Dito isto, saiu do banho e afastou-se. A manhã já ia a meio. Mesmo sem ser a hora adequada, Nasrudin apressou-se a subir ao minarete e começou a chamar para o cântico *temdjid*.<sup>7</sup>

— Mas quem é este maluco — perguntou alguém — que nos chama agora para o *temdjid* com esta voz desafinada?

— Ora essa! — respondeu, por sua vez, Nasrudin, lá do alto. — Não haverá por aí um homem caridoso e benfeitor que possa mandar construir um banho no topo deste minarete para transformar esta voz de que se queixam?

## **AO EXEMPLO DOS OUTROS JUNTE**

### **ALGUM DISCERNIMENTO**

Conta-se que, certo dia, foram procurar um médico para assistir um doente. Este chegou, palpou o pulso do doente e disse:

— Parece-me que hoje comeste frango. Isso fez-te mal. Toma cuidado, não comas mais.

— Comi, sim — respondeu o doente.

Quem assistia expressava a sua satisfação. Depois de sair, o médico foi questionado pelo filho:

— Pai, soubeste aquilo apenas com base no conhecimento científico?

— Primeiro, pelo meu conhecimento científico, sim — disse o médico —, mas juntando-lhe um tanto de perspicácia. Inicialmente, percebi o que se passava ao palpar-lhe o pulso e pelos sintomas. Mas, ao aproximar-me da casa, observei igualmente penas de galinha e cascas de fruta. Perante tal visão, compreendi tudo e fiz o diagnóstico. Aquele indivíduo adoeceu por ter comido tanto de uma assentada.

Estas palavras do pai ficaram gravadas na memória do filho. Num dia em que o pai havia saído, dirigiram-se ao filho por causa de um doente. O filho decidiu ir ao encontro do doente, não sem antes observar cuidadosamente a zona envolvente da casa. Não viu nada, apenas a albarda de um burro. Aproximou-se então do doente, palpou-lhe o pulso e, abanando a cabeça, disse:

— Ora, ora! Andaste a comer carne de burro hoje. Isso é mau. Não voltes a fazê-lo. É meio caminho andado para adoecer.

— Ei, doutor! — gritou o doente. — Mas que conversa é essa? Aqui não se come carne de burro! Isso não é coisa que se diga!

Ante tais palavras, quem assistia tratou de expulsar dali o filho do médico.

## ILUSÃO DE ÓTICA

Um dia, o filho do mulá disse-lhe:

— Em nossa casa apareceu um homem na bilha de *pekmez*.<sup>8</sup>

Nasrudin apressou-se a repartir o *pekmez* pelos buracos existentes para o efeito no chão da casa. À procura do tal homem, viu a sua própria imagem refletida em cada um dos buracos, como se houvesse um homem em cada um deles. Pegou de imediato na espada, colocou-se à entrada da porta e gritou:

— Venham, homens! Mas, se não forem cobardes, enfrentar-me-ão um de cada vez.

## A LEITEIRA E A BILHA DE LEITE

Nasrudin estava a preparar-se para ir cortar madeira à montanha. Pegou numa melancia e lá foi andando. Pelo caminho, a melancia escorregou-lhe de debaixo do braço e rolou vale abaixo, abrindo-se ao meio. Uma mula que aí dormia, assustada com a melancia, desatou a correr.

— Que grande erro o meu — lamentou-se Nasrudin, ao ver a mula. — A melancia estava prenha e pariu uma mula.

Com estes pensamentos, afastou-se e começou a cortar a madeira sem mais interrupções. De regresso a casa, contou a sua aventura à mulher.

— Que pena, homem — lamentou a mulher. — Devias tê-la apanhado e trazido para casa. Imagino-me a montá-la enquanto ia

ao bosque e ao pomar.

Mal ela acabou de dizer isto, ele pegou numa vergasta e disse-lhe:

— Desce já do dorso desse animal. É ainda muito novo. Vais dar-lhe cabo das costas.

## CAÇA AO LOBO

Uma vez, Nasrudin foi à caça com o seu *amad*.<sup>9</sup> Chegados a certo sítio, descobriram o covil de um lobo.

— Entra lá dentro — pediu Nasrudin ao *amad*. — Traz os filhotes.

— Pode ter a certeza de que não entro — respondeu-lhe o outro.

A discussão aqueceu e acabou com o *amad* a enfiar-se no buraco, tendo Nasrudin ficado à entrada. O lobo, apercebendo-se da presença de alguém à entrada do seu esconderijo, aproximou-se, lançou-se sobre Nasrudin, obrigando-o a afastar-se da entrada, e precipitou-se para o interior do covil. Nasrudin, a morrer de pena do seu *amad*, agarrou com toda a força a cauda do lobo com as duas mãos, não o deixando prosseguir. O bicho começou a esgaravatar com as patas, levantando uma forte poeirada, que atingiu o *amad*. Este ficou rapidamente com os olhos cheios de terra e começou a gritar do interior do esconderijo.

— Mulá, porquê tanta poeira? Podes parar com isso?!

— Se eu parasse — gritou-lhe Nasrudin —, saberias as linhas com que te cosias!

## LIÇÃO DO IGNORANTE AO MESTRE

O sultão Ala-Eddin preparava-se para iniciar um banquete para o qual convidara as pessoas mais importantes da terra. Naturalmente que Nasrudin estava convidado e compareceu acompanhado do seu *amad*. Chegados à presença do sultão, este distinguiu Nasrudin com o devido respeito e honrarias, oferecendo-lhe uma maçã que

tinha na mão. O mulá aceitou-a e deu-lhe imediatamente uma dentada. O *amad* puxou-o à parte e disse-lhe:

— Que horror, mulá! Como pode cometer tamanha falta de educação? Quando um sultão nos oferece uma maçã, não a comemos na sua presença.

— Queres tu dizer então que não é aceitável comê-la à sua frente? — perguntou Nasrudin.

— Não, não se deve comê-la, deve-se colocá-la junto ao peito.

Seguidamente, serviram a ceia. No início da refeição, o sultão convidou Nasrudin a sentar-se ao seu lado. Colocaram no meio dos convidados uma travessa com uma lebre coberta com um molho de iogurte. Por cortesia, o sultão serviu Nasrudin, colocando à sua frente um prato servido com uma coxa de lebre por cima de molho de iogurte. Sem qualquer hesitação, Nasrudin pegou no prato e entornou-o no peito.

— Que fazes, mulá? — gritou o sultão, ante tal atitude. — Porque te comportas assim? Que grande monstruosidade cometes!

— Meu sultão! — respondeu Nasrudin. — Segui o que me aconselhou o meu *amad*: não é correto comer à sua frente.

## MAUS LINGUISTAS

Nasrudin foi enviado à Arábia para tratar de um certo negócio, e fez-se acompanhar do seu *amad*. Os príncipes árabes ofereceram um banquete em sua honra. Enquanto conversavam, Nasrudin deu um ruidoso traque. Chegados lá fora, disse-lhe o *amad*:

— Que falta de educação, mulá, que grande vergonha!

— Que conversa é essa? Falas de quê?

— Falo do seu traque — apressou-se a responder o *amad*.

— Ora, amigo — contrapôs Nasrudin —, porquê ter vergonha? Aqui na Arábia não entendem a nossa língua.

## ERRO JUDICIAL

Certo dia, Nasrudin precisou de um *heudjet*.<sup>10</sup> Encheu uma bilha de terra e por cima colocou um pouco de mel, dirigindo-se ao tribunal ao encontro do cádi, que facilmente lhe concedeu o *heudjet*. Ao cair da noite, o cádi regressou a casa e, após ter tirado umas colheradas de mel da bilha, viu surgir a terra. De manhã, bem cedo, mandou um *muhzer*<sup>11</sup> a casa do mulá.

— Vai procurá-lo em casa — ordenou o cádi. — Diz-lhe que ontem lhe passámos um *heudjet* onde escapou um erro; trá-lo contigo, que depois emitiremos um outro.

O contínuo partiu, chegou a casa do mulá e bateu à porta. Nasrudin saiu. O contínuo do cádi deu-lhe o recado.

— Com todo o respeito que devo ao senhor magistrado, não encontro qualquer erro no *heudjet* — disse Nasrudin. — Se ele encontrou algum erro, só pode ser na bilha com o mel.

## ENGANAR UM JUIZ VENAL

Nasrudin teve um desentendimento com um outro indivíduo. Foram a casa do cádi. Nasrudin fez-lhe um sinal, colocando a mão sobre o peito. De imediato, o juiz deu razão ao mulá. Mal o outro queixoso partiu, o juiz dirigiu-se ao mulá:

— Dá-me agora o que me prometeste.

— Não fiz sinal a prometer nada — respondeu Nasrudin. — Só quis dizer que, se não me desse razão, lhe lançaria estas pedras que guardo junto ao peito.

## A PENA DE TALIÃO

Certo dia, no tempo em que Nasrudin desempenhava as funções de cádi, um homem e uma mulher apresentaram-se no tribunal.

— Magistrado, este homem — começou por dizer a mulher — é diabólico. Forçou-me e deu-me um beijo. Quero exercer o meu direito, o meu direito inquestionável.

— Ora, então como faremos? — perguntou Nasrudin. — Dá-lhe um beijo teu e isso compensará o dele.

## DESISTIR DE INDEMNIZAÇÃO

Uma vez, Nasrudin foi a banhos. Encontrou lá um conhecido, que, sem mais nem menos, lhe deu um sopapo na nuca. Nasrudin virou-se e não viu ninguém para além do seu conhecido. Saiu imediatamente e conduziu-o ao cádi.

— Magistrado, venho queixar-me deste homem. Ele ofendeu-me. O réu era conhecido do cádi.

— Vejamos se este homem tem razão — disse o juiz. — Faça as queixas.

— Este homem desprezível deu-me um sopapo — queixou-se Nasrudin.

— Para um sopapo, a indemnização é um *pul*.<sup>12</sup> Condeno este homem a pagar-te um *pul*!

O acusado procurou e viu que não tinha qualquer moeda consigo. Saiu para ir buscar uma e demorou a voltar. Nasrudin esperou, esperou, até que acabou por perder a paciência. Viu então que o cádi, ocupado a escrever, estava de cabeça baixa. Sem mais demoras, deu-lhe um sopapo na nuca. O juiz endireitou-se.

— Então? Mulá, o que foi isto? — gritou o juiz.

— Fiz o que tinha de ser feito — respondeu Nasrudin. — O homem não vem e eu tenho mais que fazer. Quando ele voltar, fique com o *pul* para si.

Dito isto, Nasrudin saiu apressadamente do tribunal, afastando-se.

## A ORELHA MORDIDA

Dois indivíduos compareceram ante Nasrudin, enquanto cádi, expondo o seu litígio.

— Magistrado, este homem mordeu-me a orelha — queixou-se um deles.

— Porque o mordeste? — perguntou-lhe Nasrudin.

— Não o mordi, senhor — respondeu o outro. — Foi ele que se mordeu a si próprio.

Do alto da sua cátedra, Nasrudin pôs-se a refletir. — Que verdade haverá no que dizem estes homens? — pensava para si mesmo. — Seria possível um homem morder a sua própria orelha?

Então, endireitou-se e respondeu aos queixosos:

— Senhores, vão dar uma volta. Voltem daqui a pouco. Nessa altura, pronunciarei o meu juízo quanto ao vosso litígio.

Mal saíram, Nasrudin retirou-se para um local escondido e puxou pela orelha. — Vejamos o que há de verdade e se uma pessoa consegue morder-se a si mesma.

Começou então a puxar pela orelha, cada vez com mais força, tentando metê-la na boca. A dor fazia com que se inclinasse para um dos lados e, de tanto o fazer, acabou por cair e partir a cabeça. Voltou então a sentar-se no seu assento de cádi. Os dois homens também regressaram, tomando os seus lugares.

— É verdade — disse Nasrudin a um deles. — Mor-deste a tua orelha.

— Como sabe, magistrado, que foi ele que se mordeu a si mesmo?

— Ficas a saber — retomou Nasrudin — que não só é possível morder-se, como também partir a cabeça.

## **SEGREDO BEM GUARDADO**

Nasrudin foi à montanha cortar madeira. Enquanto trabalhava, os lobos comeram-lhe o burro. Regressava muito aflito à aldeia quando encontrou umas crianças a brincar.

— Meninos, diz-se na aldeia que o burro do mulá foi comido pelos lobos na montanha — referiu. — Contem-me lá o que sabem.

— Não — responderam as crianças. — Não vamos contar nada.



— Que o Deus Todo-Poderoso faça com que cumpram a vossa palavra — disse Nasrudin.

## **UMA BOA RECEITA**

Quando se dirigia à montanha para cortar madeira, Nasrudin encontrou um homem montado num burro muito enérgico. Chegado perto do mulá, acabou por ultrapassá-lo.

— Espera um pouco — pediu-lhe Nasrudin, chamando-o de lado.  
— Preciso de te fazer uma pergunta.

O homem deteve-se.

— Porque é que o teu burro anda tão bem? O meu é muito lento.  
Que droga lhe dás?

— Que me darás tu se eu te disser o nome?

— Dar-te-ei uma colmeia.

— Ultimamente consegue-se arranjar pimenta vermelha na aldeia. Vai até lá e compra-a; depois, dirige-te à montanha, corta madeira e, no fim de teres carregado o burro, pega num pouco do que eu te disse e mete-lhe um bom bocado no rabo. A seguir, vais ver a velocidade a que o burro corre.

Nasrudin deu imediatamente meia-volta. Seguiu sem demora para a aldeia, comprou pimenta vermelha, regressou à montanha, cortou a madeira, carregou o burro e passou um pouco da pimenta no rabo do animal. O burro arrancou a toda a velocidade. Tanta, que Nasrudin mal o conseguiu acompanhar.

— A receita deste indivíduo é francamente boa — disse Nasrudin para si mesmo. — Se eu usasse um pouco em mim, não ficaria também mais impetuoso?

Mal acabou de pensar em tudo isto, aplicou um pouco em si. Sentiu de imediato tamanha sensação de queimadura, que começou a correr desenfreado, ultrapassou o burro e depressa chegou a casa.

— Que se passa contigo? — perguntou a mulher.

— Não são horas de falar — respondeu Nasrudin. — O burro apanhou-me de costas, e largou a carga enquanto eu dava voltas e mais voltas pela aldeia.

## **O SUMIÇO DO BURRO**

Nasrudin foi à montanha cortar madeira. Num local muito escarpado, viu uma grande árvore e disse para si mesmo:

— Se eu conseguir cortar esta árvore, não precisarei de cortar mais nenhuma.

Começou então a cortá-la, prendendo o burro ao tronco. Terminado o abate, carregou-a em cima do animal e fê-lo descer escarpa abaixo. O burro caiu e morreu. Quando Nasrudin viu aquele cenário, ficou aflito. Regressou então à aldeia e a casa. A mulher dele não viu o burro.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Nem queiras saber, mulher! Aquele burro tomou diretamente o caminho do além. Não voltei a vê-lo desde então.

## **CONSELHO DE BURRO**

Um homem foi pedir ao mulá o burro emprestado.

— Espera um pouco — pediu Nasrudin. — Vou lá dentro consultá-lo.

Entrou em casa e logo de seguida disse:

— Amigo, o nosso burro não ficou satisfeito. Alega que, se eu o emprestar, vão bater-lhe nas orelhas e que, além disso, vão trocar de mim.

## **RABO ESCONDIDO**

Nasrudin dirigiu-se ao mercado da vila para vender o seu burro. Pelo caminho cortou a cauda ao animal, para que não ficasse

enlameada. Chegado ao mercado, entregou o burro ao pregoeiro. Um freguês manifestou interesse em comprá-lo, mas eis que notou a cauda cortada.

— Que pena — queixou-se. — Se tivesse cauda, não me escapava!

— Então podes finalizar a compra — interferiu Nasrudin. — A cauda não está muito longe!

## **DE ONDE VEM A ÁGUA PARA**

### **O MOINHO DE VENTO?**

Nasrudin cruzou-se com um moinho de vento. Nunca tinha visto nenhum. Dirigiu-se então a um caminhante.

— Como chamam a isto?

— Moinho de vento — respondeu o homem.

— E de onde vem a água que serve este moinho? — perguntou Nasrudin.

— Este moinho é de vento.

— Compreendi-te bem — disse Nasrudin. — Expli-caste-te muito bem, mas de onde vem a água que serve este moinho?

## **FALSO TESTEMUNHO**

Nasrudin apanhou o novelo de lã de uma mulher. Era muito leve.

— Já dobei muita lã — dizia ela. — Já estava perto de uns quatro quilos, mas roubaram-me o novelo.

Nasrudin estava a assistir a esta conversa e não aguentou; destapou o novelo e, com ele na mão, disse à mulher:

— Vai-te daqui, esconde-te de vergonha.

## **NÃO HÁ PRAZER SEM DOR**

Conta-se que Nasrudin tinha um boi enorme.

— Ah! Mulher, que grande prazer eu teria se me pudesse sentar entre os chifres deste boi.

Por acaso, houve um dia em que o boi se aproximou dele e se deitou enquanto a mulher ordenhava a vaca. Sem perder tempo, Nasrudin avançou devagarinho, muito devagarinho, e sentou-se entre os chifres do animal. Nesse preciso momento, o boi, assustado, levantou-se e atirou o mulá ao chão.

Depois de gritar, Nasrudin desmaiou. A mulher correu ao seu grito. Pouco depois, o homem veio a si, abriu os olhos, olhou e viu a mulher sentada ao seu lado.

— Não chores, mulher — pediu Nasrudin. — Não chores pelo que sofri, porque agora já satisfiz o meu desejo.

## **FONTE CASTIGADA**

Nasrudin foi beber água a uma fonte. Percebendo que havia um pau enfiado na entrada, retirou-o. A água brotou então com toda a violência, escorreu para cima dele e molhou-lhe a cabeça. Chegando-se para trás, disse:

— Como és tonta! Corres em repuxo! Já percebi o castigo de te meterem um pau pela boca.

## **ERRO DE FILHO É CULPA DE PAI**

Nasrudin estava a lavrar um campo. Um dos seus bois era muito preguiçoso. Subitamente, este soltou-se da parelha e fugiu. Nasrudin não se apercebeu imediatamente da situação e, quando isso aconteceu, começou a fustigar o boi que restou.

— Porque é que não bates no boi jovem e bates no velho? — perguntaram-lhe.

— Quem errou foi o boi velho — respondeu Nasrudin. — Fingiu que não viu o jovem e deixou-o fugir.

## **DOENTE INTELIGENTE**

Conta-se que, um dia, Nasrudin caiu de um telhado. Os amigos foram inteirar-se do seu estado de saúde.

— Nunca nenhum de vós caiu de um telhado? — perguntou-lhes Nasrudin.

— Não, nenhum de nós caiu — responderam-lhe.

— Nesse caso, vejam-me como alguém que está à frente do seu tempo — respondeu-lhes Nasrudin.

## **DAR AOS MORTOS O QUE SE RECUSA EM VIDA**

Certo dia, Nasrudin viu chegar um grupo de aldeões. Quando se aproximaram, deitou-se por terra e ficou muito quieto. As coisas estavam neste pé quando um dos aldeões se aproximou mais e viu Nasrudin estendido, morto. Virou-se então para os seus companheiros e disse-lhes:

— O pobre mulá morreu. É preciso juntar algum dinheiro para poder sepultá-lo.

Quotizaram-se entre si e reuniram quinhentas moedas de cobre. Os aldeões fizeram um círculo em torno do mulá.

— Cem moedas chegam para comprar um lençol — diziam. — Quem poderá encarregar-se de levar a casa dele as outras quatrocentas?

Rapidamente, Nasrudin levantou a cabeça e gritou:

— Cheguem-se aqui, deem-me as quatrocentas moedas, que eu mesmo as levo para casa com todo o gosto, pois nunca na vida consegui ter tanto dinheiro.

## **O PIOR SURDO É O QUE NÃO QUER OUVIR**

A tua mulher passeia-se muito — disseram ao mulá, com o intuito de levantar suspeitas contra ela.

— Depois de passear, ela volta para casa — respondeu ele.  
— Não é isso, mulá. Ela anda de cabeça descoberta.  
— Se ela anda de cabeça descoberta, é porque o solidéu é muito pequeno.  
— Ainda não é isso — insistiram os outros. — Ela anda de uns lados para os outros.  
— Têm razão, gosto muito de que ela ande de uns lados para os outros.  
— Ainda não é isso, mulá. Ela anda de uns lados para os outros, mas com estrangeiros.  
— Ei! — exclamou Nasrudin. — E acham que eu sou pai ou irmão dela?

## **CALDEIRA FECUNDA**

Nasrudin precisou de pedir uma caldeira emprestada ao vizinho. Alguns dias mais tarde, devolveu-a ao seu dono com um pequeno tacho dentro.

— Que tacho é este? — perguntou o vizinho.

— Esta caldeira estava grávida e deu à luz.

O vizinho regozijou-se com o acontecimento, pegou em ambas as coisas e levou-as consigo. Entretanto, passados alguns dias, Nasrudin pediu-lhe novamente a caldeira emprestada. Como nunca mais a devolvia, um dia o vizinho foi reclamá-la.

— A caldeira morreu — respondeu-lhe, desta feita, Nasrudin. — Paz à sua alma.

— Mulá! — gritou o homem. — Que brincadeira vem a ser essa? Uma caldeira nunca morre.

— Não? — berrou-lhe Nasrudin. — Quando te deu jeito, acreditaste que ela estava grávida e tinha dado à luz, e agora não acreditas que ela morreu?

## **SEM DEFEITOS, NÃO HÁ QUALIDADES**

Certo dia, Nasrudin adoeceu. Um homem rico foi saber do seu estado de saúde.

— Mulá, tens algum desejo secreto? — perguntou-lhe.

— Gostava de comer um prato de *pilaf* — respondeu-lhe ele.

O homem rico não o fez esperar, mandando logo cozinhar um prato de *pilaf*. Quando lho trouxe, Nasrudin devorou-o, literalmente.

— Não te vai fazer mal comer tanto *pilaf*? — questionou ao mulá o generoso doador.

— Talvez faça mal — respondeu-lhe Nasrudin —, mas sabe tão bem...

## **DEPOIS DA IMPACIÊNCIA, VEM A RESIGNAÇÃO**

Nasrudin encontrou uma tartaruga. «Este bicho daria um bom animal de carga», pensou. Mal a apanhou, montou-se em cima da carapaça. O animal fez de tudo para o tombar.

— Mexe-te, mexe-te — dizia-lhe ele. — Assim, acostumar-te-ás a transportar a carga.

## **COMO CHAMAR À RAZÃO**

### **UM FALSO PROFETA**

Durante o califado de Harun al-Rashid apareceu um certo indivíduo que se dizia profeta. Harun reuniu os seus médicos.

— Tirem-lhe o pulso — pediu. — Veremos de onde lhe vem essa ideia.

Os médicos palparam-lhe o pulso e examinaram-no.

— Comeu alguma coisa que lhe subiu à cabeça e o transtornou.

— Durante quarenta dias, sirvam-no de pratos leves cozinhados na minha cozinha real — ordenou Harun. — Se Deus Todo-Poderoso assim o quiser, operar-se-á uma mudança na sua maneira de ser.

Este indivíduo foi assim alimentado durante quarenta dias. Terminado esse período, foi novamente levado à presença do califa.

— Ainda te sentes profeta? — perguntou-lhe ele.

— Oh, Harun! Depois dos prazeres de que me permitiste usufruir, nunca mais me direi profeta, mas sim Deus.

## **PROCURAR ONDE HÁ**

Nasrudin saiu de casa e começou a procurar qualquer coisa na rua. A mulher, apercebendo-se disso, perguntou:

— O que procuras, mulá?

— Perdi a minha aliança — respondeu. — É disso que ando à procura.

— Onde a perdeste? — prosseguiu a mulher.

— Deixei-a cair em casa — disse ele.

— Então porque andas à procura cá fora?

— Porque lá dentro está escuro e cá fora vê-se bem. Queira Deus que consiga encontrá-la.

## **A ASSISTÊNCIA ERRADA**

O filho do mulá caiu num poço. Nasrudin foi a correr até lá com uma corda e encostou-se ao bordo e gritou lá para dentro:

— Filho, estás aí?

— Paizinho — disse o filho, lá de baixo —, vai buscar assistência para me tirares daqui.

— Para que é a assistência? — respondeu-lhe o pai. — Não preciso de que ninguém me veja a puxar-te daí.

## **JOVEM ESPERTO CONTRA ASTÚCIA DE VELHO**

Nasrudin deslocou-se a Malatya. Percorrendo as ruas da cidade, viu um rapazinho a brincar com um ducado de ouro que tinha



encontrado.

— Anda cá, meu menino — disse-lhe Nasrudin. — Dou-te um *aspre*<sup>13</sup> e tu dás-me esse bocadinho de cobre enferrujado.

— Conheço essa moedinha — respondeu-lhe o rapaz. — Zurra uma vez como um burro e eu dou-te este bocadinho de cobre enferrujado.

Nasrudin, impelido pela ganância, começou a zurrar.

Quando parou, o rapazinho disse-lhe:

— Ei, amigo! Se um burro como tu sabe quanto vale um ducado, porque é que um rapazinho como eu não o saberia?

## **NÃO SE PODE AGRADAR A TODOS**

No tempo em que Nasrudin desempenhava as funções de cádi, decorreu uma ação judicial que envolvia três indivíduos. Querendo ganhar, um deles ofereceu-lhe um tapete, outro ofereceu-lhe cem moedas de cobre, e o terceiro, um machado. Finalmente, eis que se encontraram todos em tribunal.

— Senhor — começou o que lhe tinha trazido o machado —, corte o problema pela raiz, como se tivesse um machado.

— Examine a questão enquanto está sobre o tapete — disse o outro que lhe oferecera uma peça daquelas.

— Saiba distinguir corretamente o pagamento — acrescentou o litigante das moedas.

— Vou resolver o problema como se tivesse um machado, e examiná-lo enquanto está sobre o tapete — disse Nasrudin. — Ambas as coisas são fáceis. Mas como poderei distinguir as formas de pagamento?

## **VERDADE OU VERDADES?**

Um dia, Nasrudin estava sentado na corte. Queixava-se o rei de que os seus súbditos eram mentirosos.

— Majestade — disse Nasrudin —, há verdade e verdade. As pessoas precisam de praticar a verdade real antes de poderem usar a verdade relativa. Porém, tentam sempre inverter o processo. Resultado: tomam sempre liberdades com a sua verdade humana, porque sabem, por instinto, que se trata apenas de uma invenção.

O rei achou a explicação complicada de mais e disse:

— Uma coisa tem de ser verdadeira ou falsa. Farei as pessoas dizerem a verdade e, com essa prática, elas adquirirão o hábito.

Quando se abriram as portas da cidade, na manhã seguinte, uma força erguia-se diante delas, controlada pelo capitão da guarda real. Um arauto anunciou:

— Quem quiser entrar na cidade terá de responder com verdade à pergunta que lhe será formulada pelo capitão da guarda.

Nasrudin, que estava à espera do lado de fora, foi o primeiro a dar um passo em frente.

O capitão dirigiu-se a ele:

— Aonde vai? Diga a verdade; a alternativa é a morte por enforcamento.

— Vou — replicou Nasrudin — ser enforcado naquela força.

— Não acredito em você!

— Pois, muito bem. Se eu disse uma mentira, enforque-me!

— Mas isso faria dela a verdade!

— Exatamente — confirmou Nasrudin. — A sua verdade.

## **RAZÕES DIVERSAS**

Nasrudin foi morar para uma terra distante e puxou conversa com um mercador. A certa altura, perguntou-lhe:

— Como está o negócio?

— Ótimo! — respondeu o outro.

— Então pode emprestar-me dez rupias? — perguntou Nasrudin.

— Claro que não. Eu não o conheço o suficiente para lhe emprestar dinheiro.

— Isso é estranho — respondeu o mulá. — Onde eu morava, as pessoas não me emprestavam dinheiro porque me conheciam, e agora, que estou aqui, não mo emprestam porque não me conhecem!

## **PRESENÇA DE ESPÍRITO DE UM CÁDI**

Conta-se que um certo cádi estava alcoolizado quando entrou o sultão Mehemet Khan.

— Não temes a Deus? — perguntou-lhe o sultão. — Não respeitas o profeta? Como pode um homem instruído, um magistrado, manchar assim de vinho a sua barba branca?

— Caro padixá — respondeu o cádi —, se as minhas escanzeladas mãos não tremessem, creia que não seria a minha barba a usufruir do vinho.

## **CONHECIMENTO**

Nasrudin estava parado à porta de sua casa. Entretanto, um estrangeiro aproximou-se dele e perguntou:

— Quanto tempo levarei até chegar à cidade?

Nasrudin ouviu, mas nada disse. Então, o homem, em voz mais alta, insistiu:

— Quanto tempo levarei até chegar à cidade?!

Porém, Nasrudin continuou em silêncio. Dessa vez, o homem gritou, indignado:

— Quanto tempo levarei até chegar à cidade?!

Como Nasrudin continuou mudo, o homem chegou à conclusão de que ele era surdo; e, assim, pôs-se a caminhar depressa no rumo da cidade. Nasrudin observou-o a caminhar por uns instantes e, de repente, gritou-lhe:

— Uma hora!

— Porque não me respondeste antes? — desabafou o estrangeiro.

— Porque, antes de lhe responder, precisava de conhecer a velocidade a que você caminha — respondeu Nasrudin.

## **O REI FALOU-ME**

O mulá voltara à aldeia depois de visitar a capital imperial. Os aldeões reuniram-se à sua volta para o ouvirem falar sobre as suas aventuras.

— Neste momento — disse Nasrudin —, apenas vos posso contar que o rei falou comigo.

Escutou-se uma parada geral na respiração de todos, devido à emoção. O rei dirigira a palavra a um cidadão da aldeia! A notícia maravilhosa era mais do que suficiente para os aldeões ficarem em êxtase e dispersarem, em grande euforia, a divulgá-la por todas as casas. Um rapaz, porém, não se moveu dali. Ficando para trás, perguntou ao mulá:

— E o que é que foi que o rei te disse?

— Disse-me, distintamente, e para todos ouvirem: «Saia do meu caminho»!

## **O SULTÃO E O MÚSICO**

Conta-se que, certa vez, um sultão saiu do seu palácio de madrugada. Partia para a guerra. Pelo caminho, viu surgir, em sentido contrário, um músico que trazia um instrumento na mão. Tinha os olhos tortos e inchados. O sultão não considerou de bom augúrio o encontro com este músico. Ordenou que o chicoteassem quarenta vezes e o prendessem. Passado um ano, o padixá, após a conquista de diversas províncias, entrou na capital vitorioso e coberto de glória. Nessa altura, veio-lhe à memória o músico. Ordenou que o libertassem e o levassem à sua presença.

— Meu padixá, eis que regressou vencedor — disse-lhe o músico. — Quando nos cruzámos naquele dia, tive um bom presságio. Sonhei com as suas vitórias. Contudo, eis que estou há um ano na prisão. A quanto aborrecimento e transtorno fui submetido! Em boa verdade, qual de nós os dois estava de mau augúrio?

## **ALFAIATE BRINCALHÃO**

Diz-se que havia em Constantinopla um certo alfaiate muito habilidoso a roubar bocados de tecido quando cortava os fatos. Certo dia, numa altura em que se reuniam na sua casa vários colegas de profissão, foram levar-lhe uma belíssima peça de brocado.

— Corta a peça — pediram-lhe os outros, desejosos de verem como fazia para tirar os bocados.

O homem, espertalhão, logo percebeu a intenção que tinham de o testar e observou, por seu turno, que aquela era uma peça fantástica.

«Será que não vou conseguir apropriar-me de uma parte deste maravilhoso brocado?», disse para si mesmo.

Enquanto se perdia nos seus pensamentos, constatou que os outros alfaiates não tiravam os olhos da peça. Sem se mexer de onde estava, deu um traque. Os outros, sentados no divã, começaram a rir tão efusivamente, que se deitaram de costas. Sem perder um segundo, o nosso malandro fez desaparecer um bocado.

— Ei! Mestre! — gritaram os outros. — À profissão de alfaiate juntas agora a de palhaço? Concentremos agora toda a nossa atenção na primeira.

Nessa altura, ele deu outro traque. Os outros retomaram as gargalhadas e um novo bocado de tecido se juntou ao primeiro.

— Mestre! — exclamaram os circunstantes. — Podes repetir a brincadeira uma terceira vez, mas fica-te por aí, senão vamos rebentar de tanto rir.

— Na verdade, farei de boa vontade o que me pedem — começou o alfaiate espertalhão —, mas nesse caso é bem possível que fique a faltar tecido para fazer a túnica.

## **O EXTRAORDINÁRIO SONHO**

### **DE UM ALFAIATE**

Um alfaiate viu num sonho que o Dia do Juízo Final estava próximo. Levavam-no para a praça com todos os pedaços de tecido que roubara das peças atados ao pescoço. Acordou completamente angustiado. Ao amanhecer, dirigiu-se à loja e partilhou o sonho com os seus aprendizes:

— Se eu me descuidar e se me virem a apropriar-me de um pedaço de tecido, lembrem-me. Digam-me qualquer coisa como: «Mestre, lembre-se do cachecol». Mal me recorde disso, abster-me-ei de qualquer desvio.

Algun tempo depois, trouxeram-lhe uma peça de tecido magnífica. Não conseguindo resistir à tentação, roubou subrepticamente um pedaço, ali bem à vista dos donos. Rapidamente, um dos aprendizes gritou:

— Mestre, lembre-se do cachecol!

— Ora, de que adiantava lembrar-me? — respondeu-lhe o patrão.

— Naquele cachecol não havia nenhum pedaço igual a este tecido!

### **DESCULPA DIVERTIDA DE UM ALFAIATE**

Havia um certo alfaiate que vendia os pedaços de tecido que roubava aos clientes a um juiz velhote e um tanto trapaceiro. Um dia, o dono de uma túnica que ele tinha costurado aproximou-se e fez uma cena, acusando-o de lhe ter roubado parte do tecido.

— Não fui eu — desculpou-se o alfaiate. — Quem tem esse pedaço de tecido é o malandro do juiz!

## ESCRÚPULO DE DEVOTA

A mulher de Nasrudin pôs-se a rezar em casa enquanto o marido foi tratar de um assunto ao *tidjaret*.<sup>14</sup> De repente, ela sentiu que tinha dado um traque, mas não percebeu se aquilo fora mesmo coisa sua ou se o barulho que sentiu tinha sido de algum gemido feito na oração. Foi então consultar um velho erudito, explicou-lhe o sucedido, e pediu que a aconselhasse. O outro, por sua vez, deu um traque.

— Era um barulho destes? — perguntou.

— Era mais forte.

E ele deu mais um.

— Era como este?

— Era ainda mais forte.

— Ora, vai para o Inferno — gritou o homem. — Já me borrei todo.

## CENA CONJUGAL

Certo dia, Nasrudin estava a ouvir a preleção de um pregador:

— Se alguém empenhado no seu casamento cumprir os seus deveres conjugais ao cair da noite, será recompensado como no sacrifício do cordeiro. Se o fizer durante o dia, será tido em conta como se libertasse um escravo. Se for no meio da noite, será recompensado como no sacrifício de um camelo.

Entrado em casa, o mulá contou à mulher o que ouviu. Ao cair da noite, deitaram-se. A mulher sentiu-se tomada de desejo.

— Vem cá — pediu ao marido. — Vamos ganhar a recompensa prometida para o cair da noite.

— Está bem — respondeu o marido; e assim satisfez a sua mulher.

A meio da noite, a mulher sentiu novamente o despertar do desejo.

— Acorda, marido. Recebamos os benefícios do sacrifício de um camelo.

O mulá acordou e voltou a cumprir os desejos da sua mulher.

De madrugada, a mulher, ainda não satisfeita, gritou ao mulá:

— Acorda, meu marido! Está na hora de obtermos o prémio de quem liberta um escravo.

— Minha querida mulher — desabafou então Nasrudin —, recebe esse prémio libertando-me a mim primeiro, que sou teu escravo.

## **UM MARIDO ESCRUPULOSO**

Num outro dia, Nasrudin ouvia um pregador:

— Se um homem desempenhar o seu dever conjugal com a sua mulher, receberá uma tenda no Paraíso.

O mulá partilhou estas palavras com a sua esposa.

Ao cair da noite, ela disse-lhe:

— Anda, marido, vamos mandar levantar uma tenda.

— Muito bem — respondeu-lhe ele.

Após satisfazer o desejo da sua mulher, prestes a adormecer, ouviu-a dizer:

— Construamos, peço-te por favor, meu marido, uma tenda para a minha filha.

— Muito bem — disse-lhe ele.

Passado pouco tempo, a mulher voltou a convidá-lo para construir mais uma tenda. Ele satisfê-la novamente. Mas, com tanta repetição, o mulá já estava de rastos quando a mulher lhe pediu mais uma tenda.

— Vamos parar por aqui — respondeu-lhe então Nasrudin. — Em vez de ficar satisfeito, Deus acabará por se aborrecer connosco se o obrigarmos a construir tantas tendas a nosso favor.

## **PARTILHA INTERESSEIRA**



Menla-Djami colhia pêssegos no jardim quando viu passar o sultão Hussein-Raiqar acompanhado do seu camareiro e de Tchoqdar, o seu jovem predileto. Estava com quatro pêssegos na mão. Ofereceu um ao sultão, outro ao camareiro e dois a Tchoqdar.

— Porque deste apenas um pêssego a cada um de nós e dois a este jovem? — perguntou-lhe o sultão.

— Dei apenas um pêssego ao Tchoqdar — explicou a rapariga.  
— O outro, emprestei-lho.<sup>15</sup>

## **ESPERTEZA DE UM FALSO PROFETA**

Nasrudin teimava em ser profeta. Detiveram-no e levaram-no à presença do sultão. Este interrogou-o frente a um cádi que ali se encontrava.

— Este homem transmite uma pretensão absurda — disse o padixá ao cádi. — Segundo a lei de Deus, como devemos proceder?

— Se ele teimar na sua ideia, se se recusar a abandoná-la — respondeu o cádi —, então será submetido a pena de morte.

— Já que te intitulas profeta — disse o sultão ao mulá —, faz um milagre na nossa presença.

— Tragam-me uma espada que corte — pediu Nasrudin.

— Que farás com ela?

— Cortarei a cabeça do cádi e, em seguida, ressuscitá-lo-ei.

O cádi, tomado por um pânico absoluto, gritou:

— Nasrudin já me converti à tua religião. Podes incluir-me nos fundadores.

## **UM FALSO PROFETA ENCOSTADO À PAREDE**

Como Nasrudin se dizia profeta, foi levado à presença do sultão.

— É verdade que dizes ser profeta? — perguntou-lhe aquele.

— É — respondeu Nasrudin.

— Se é, então faz um milagre — ordenou-lhe o sultão.

— Peça o que desejar.

Nesse momento, chegou um operário. Trazia com ele uma fechadura e disse ao sultão que só era possível abri-la com onze chaves.

— Muito bem — disse então o sultão ao réu —, abre-nos esta fechadura sem chave.

— Eu disse que era profeta ou que era serralheiro? — perguntou Nasrudin.

## **JUDEU NA QUARESMA,**

## **MUÇULMANO NO BAIRAM**

Conta-se que Nasrudin passara toda a sua vida em estrito cumprimento da doutrina maometana. Houve um ano em que se juntou aos judeus e com eles comeu, durante o Ramadão. Dizia que se tinha convertido à fé deles, mas, no Bairam (Carnaval) confessou não ser mais correligionário deles.

— Que queres dizer? — perguntaram-lhe, admirados, os judeus.  
— Então já não és dos nossos?

— Qual é o espanto? — questionou Nasrudin. — Então eu passei trinta anos a cumprir a fé muçulmana sem me poder tornar um verdadeiro maometano, e agora, ao fim de trinta dias apenas, já seria judeu? Não é possível!

## **QUEM MUITO SE TAPA**

Uma vez, um indivíduo foi pedir hospedagem ao mulá, mas naquela época reinava por ali tanta miséria e fome, que até os ratos tinham desaparecido. Ao cair da noite, o viajante foi ter com Nasrudin e perguntou-lhe onde iria dormir depois do jantar.

— Ora, mas nós jantámos antes da tua chegada — respondeu-lhe Nasrudin. — Já te queres deitar?

O outro já estava deitado há um bocado quando começou a chamar o dono da casa:

— Dá-me uma coberta — gritava. — Tenho frio.

— Não tenho nenhuma — respondeu Nasrudin. — Mas não está tanto frio que te ponha a tremer.

— Talvez não — respondeu o hóspede, depois de pensar um pouco.

Por seu turno, Nasrudin ficou a pensar e acabou por dizer:

— Mas tenho uma escada. Se quiseres, trago-ta.

— Traz lá, qualquer coisa serve.

Nasrudin trouxe uma escada e colocou-a em cima do homem. O hóspede, continuando a morrer de frio, voltou a chamar Nasrudin.

— Pensa um pouco — pediu-lhe. — Vê lá se não tens nada de melhor para me aquecer.

Passado um pouco, Nasrudin reagiu:

— Claro que tenho. Um balde. Que me dizes?

— Traz qualquer coisa.

Nasrudin foi buscar o balde e colocou-o, ainda cheio de água, por cima da escada. Quando o hóspede, incomodado com o peso dos dois objetos, se tentou virar, entornou o balde e ficou todo molhado. Começou novamente a chamar o dono da casa.

— Tira-me estas cobertas — gritou-lhe. — São tão fortes, que já estou todo ensopado.

## **SE NÃO SE USA, DE NADA SERVE**

Nasrudin, viajando com o objetivo de ficar mais culto, chegou certa vez a um país onde os habitantes tinham por hábito pendurar um estandarte em casa por cada recipiente de ouro que possuísem. E assim se viam casas com um, dois, três, quatro e cinco estandartes. Nasrudin passou um ano nesse país. Foi enchendo várias bilhas com pedras e areia grossa e, por cada uma, ia pendurando um estandarte. Naquele país, era hábito convidarem-se uns aos outros durante o Bairam. Quando chegou a vez do mulá,

jantaram e, em seguida, foram a banhos. Os convidados viram então os recipientes e que neles havia apenas pedras e areia grossa.

— Ora, mulá, aqui dentro só há pedras! — exclamaram.

— Que interessa se é ouro, se são pedras — respondeu-lhes ele.

— Se é para ficar dentro das bilhas, vai tudo dar ao mesmo.

## JEJUM

—Neste mês, em que dias é que se come e em que dias não se come? — perguntava alguém a um sufi *qalandar*, durante o jejum do Bairam.

— Não sei em que dia se jejua — respondeu um *abdal*,<sup>16</sup> porque eu só como uma vez por mês.

## FOME

Um médico palpava o pulso de um sufi *qalandar* que costumava tomar bango, uma droga calmante. Rapidamente percebeu que a sua única doença era a fome. Mandou então cozinhar um prato de *pilaf* e pô-lo em frente do pobre diabo.

— Caro doutor benfeitor! — exclamou ele depois de ter comido tudo. — Conheço vinte outros *qalandars* que padecem da mesma doença que eu. Vou encaminhá-los para si e, assim, poderá testar neles a eficácia do seu medicamento.

## ÓCULOS FORA DO SÍTIO

Nasrudin tinha sido contratado como leitor e preceptor do filho de um rei. Geralmente, terminava as funções junto do príncipe logo após a chamada para as orações da tarde. Certo dia, a chamada foi feita e Nasrudin continuava a sua aula de leitura, com os óculos na ponta do nariz.

— Já chamaram para a oração — avisou então o príncipe. — Podemos ir.

— Não ouvi — retorquiu Nasrudin.

— Nesse caso — prosseguiu o príncipe —, o melhor é pôr os óculos nas orelhas em vez de nos olhos.

## REMORSO MÉDICO

Certo dia, um médico, ao passar por um cemitério, fechou os olhos.

— Porque fazes isso? — perguntou o filho.

— Tento não reconhecer alguns dos que aqui jazem, porque é aqui que estão enterrados aqueles que a minha poção matou.

## UMA MESA MAL SERVIDA

Um homem convidou para a sua mesa um jovem elegante chamado Desdar Oglou. Não foi servido *pilaf*, nem carne picada; apenas uma sopa. Até no arroz da sopa tinham francamente poupado.

— Que sopa é esta? — perguntou ele, a sentir-se pouco confortável com a situação.

— Sem dúvida que o senhor deve ir muito à caça — disse Nasrudin —, a avaliar pelos seus cães.

— É verdade — respondeu Desdar Oglou. — Tenho mais do que o suficiente. Um caça perdizes; outro, codornizes; outro, gansos.

— Ainda lhe falta mais um — prosseguiu Nasrudin.

— Qual?

— Um que consiga farejar e encontrar arroz nesta sopa.

## PERDE O SONO QUEM SE METE

## NA VIDA DOS OUTROS

Nasrudin chegou, certo dia, a casa e pediu:

— Mulher, esta noite prepara-me um *pilaf*. Deitar-nos-emos bem saciados. Hoje não sinto qualquer tristeza.

A mulher cozinhou o *pilaf*. Comeram e foram deitar-se. Ainda mal se tinham deitado, quando bateram à porta.

— Vai tu ver quem é — pediu Nasrudin.

A mulher aproximou-se da porta.

— Quem está aí? — perguntou.

— A minha burra pariu — disse um vizinho —, mas o filhote não tem cauda nem orelhas.

— O que é que querem? — perguntou então Nasrudin.

— Não querem nada — respondeu a mulher. — É só o nosso vizinho a dizer que a burra dele pariu uma cria sem cauda e sem orelhas.

— Não posso continuar deitado — queixou-se então Nasrudin —, porque agora já não estou tranquilo.

— E qual é o motivo da tua preocupação? — perguntou-lhe a mulher.

— Se esse jumentinho chegar aos dois ou três anos e o levarem ao bosque — começou Nasrudin —, e se houver lama no caminho, onde é que esta se agarra, não tendo ele cauda nem orelhas? Acabou-se a minha tranquilidade, mulher, vamos levantar-nos.

## SINAL DO FIM DOS TEMPOS

Nasrudin chegou à beira de um rio. Aproveitou para satisfazer determinada necessidade e viu então a nadar aquilo que acabara de libertar.

— Está perto o fim dos tempos — disse para si mesmo, ante tal visão. — Não há dúvida, uma vez que este objeto imundo nos ensina a nadar e a atravessar as águas.

## LITIGANTES IDIOTAS

Dois homens foram a julgamento por causa de um boi. Cada um, sem o conhecimento do outro, deu ao cádi duzentos *aspres* para ganhar o processo. No dia da audiência, os litigantes trouxeram o boi.

— Quanto pretende por este boi? — perguntou o cádi ao homem que o trazia pela mão.

— Ele vale quatrocentos *aspres* — respondeu o outro.

— Muito bem — disse o cádi. — E que mais? É que cada um de vós deu-me duzentos *aspres*, portanto, nada mais há a tratar sobre o animal.

Os dois litigantes saíram da sala, questionaram-se e perceberam que cada um deles ofereceu duzentas moedas ao cádi.

— É inútil prosseguir o julgamento — concluíram —, pois o cádi já comeu o boi.

## VINHO QUE NÃO SE DÁ ENVELHECE NA CAVE

Outrora, um homem adoeceu. O seu estado agravou-se e foi preciso chamar um médico. Este tomou-lhe o pulso e disse que, naquele caso, era necessário tomar vinagre com um ano. O doente saiu de casa e foi pedi-lo a um dos seus amigos.

— Por acaso, tenho — respondeu-lhe o amigo.

Um transeunte ouviu a conversa.

— Irmão, muita bondade a sua se me desse também um pouco — pediu.

— Se eu o desse a todos aqueles que mo pedem — respondeu o amigo —, não o teria conservado durante um ano.

## PERGUNTA SOBRE O DIA DO JUÍZO FINAL

— Para quando está previsto o tumulto? — perguntaram ao mulá.

— De que tumulto falas? — retorquiu Nasrudin. — Do grande ou do pequeno?

— Que significa isso do grande e do pequeno?

— O pequeno é o que faz a minha mulher. O grande acontece quando sou eu a ficar furioso.

## **RESPOSTA MORDAZ DE UM CEGO**

Um poeta, outrora favorito dos vizires, ficou cego na velhice. Dava aulas e era ajudado por um jovem, que o levava de porta em porta. Certa vez, um dos vizires viu-o ao longe, assim diminuído. Lembrou-se então de pormenores do passado daquele pobre homem e, na manhã seguinte, abordou-o, perguntando-lhe:

— Lembras-te de mim?

— Claro que lembro. Fiquei cego, mas não fiquei surdo. Senti outrora as consequências da sua bondade e da sua generosidade. Sei muito bem quem és, paxá.

— E este rapazinho é teu filho? — continuou o vizir.

— É meu filho e vosso servo.

— Ele sabe ler?

— Com certeza.

— E que coisas lê? — prosseguiu o paxá.

— Vendo o estado lastimável em que o seu pai se encontra — respondeu o pobre homem —, lê imprecações contra aqueles que o abandonam, sem qualquer apoio, entregue ao infortúnio.

## **REUNIÃO DE RATOS**

Certo dia, os ratos reuniram-se em local combinado a fim de conversarem.

— Que será de nós — comentavam eles — se não descobirmos a forma de nos livrarmos deste gato?



Depois de todos terem dado a sua opinião, foi consensual que deviam mandar fazer uma campainha para pôr ao pescoço do gato.

— Ouvindo o tilintar — diziam eles —, pôr-nos-emos em fuga.

— Eu forneço o bronze — gritava um. — Eu dou o carvão — dizia outro. — Eu ofereço o cobre — afirmava um terceiro.

Um rato velho mantivera-se silencioso até então.

— Fala — pediram-lhe —, tu que já vives há tantos anos nesta terra!

— Com tal deliberação, esqueceram-se de uma coisa fundamental — avisou ele. — Eu até oferecia toda a campainha, mas qual de nós a irá prender ao pescoço dele?

## **RESPOSTA INTELIGENTE DE**

### **UM RECÉM-CONVERTIDO**

Noutros tempos, um velho cristão tornou-se muçulmano. Seis meses após a conversão, o dignitário presente às orações conduziu-o ao cádi, acusando-o de não realizar as orações obrigatórias. Era precisamente o mesmo cádi perante o qual o velho tinha renunciado.

— Porque não te sujeitas às orações obrigatórias? — perguntou o magistrado.

— Magistrado, foi na sua presença que renunciei à minha fé — começou o réu — e nessa altura gravei as palavras que me disse: «Eis que estás agora livre de todo o pecado, estás agora tão limpo como se tivesses saído pela segunda vez do ventre da tua mãe».

— Foram essas as minhas palavras — concordou o cádi.

— Ora — prosseguiu o velhote —, ainda não se passaram seis meses depois disso. Uma criança de tão tenra idade já consegue rezar?

## **DE UM EXTREMO AO OUTRO**

Nasrudin procurou o cádi para tratar de determinado assunto. Ele pensava que seria mais bem recebido pelo magistrado se exagerasse nos títulos.

— A salvação lhe seja concedida, senhor profeta — disse, ao entrar.

— Cala-te — pediu o cádi. — Não passas de um imbecil.

— Ao falar assim, será que fui contra alguma das regras da língua?

— Passem um corretivo neste ignorante — ordenou o cádi.

Os oficiais de justiça bateram-lhe.

— Porque me falas dessa maneira? — perguntou o cádi. — Isso é conversa de tolo.

— Eu estava perturbado, ó porco — respondeu Nasrudin. — Eu estava perturbado.

## **DEVOÇÃO SINGULAR**

Nasrudin descurava o cumprimento do jejum obrigatório do Ramadão, mas não deixava de comer todas as noites, um pouco antes da alvorada.

— Já que tu não jejuas durante o dia — perguntou-lhe alguém —, porque comes ao amanhecer?

— Se abandonássemos ambas, a doutrina e também a tradição — explicou o mulá —, não seríamos considerados infiéis?

## **ORGULHO DE AUTOR**

Noutro tempo, um discípulo do célebre Menla-Djami compôs alguns poemas e reuniu-os todos num livro. Menla-Djami deu uma vista de olhos a esta recolha, apercebendo-se de que o trabalho estava repleto de palavras incompreensíveis, falhas e coisas disparatadas. Ironicamente, e uma vez que não podia levar em conta uma obra destas, o Menla-Djami exclamou:

— Deus te abençoe! Criaste um livro famoso!  
O outro, orgulhando-se do elogio, exclamou:  
— É um livro cujo sentido escapa aos poetas vulgares dos nossos dias!  
— É um facto — concordou Menla-Djami. — Porque eu próprio não compreendi absolutamente nada.

## **PARA TUDO É NECESSÁRIO DISCERNIMENTO**

Nasrudin estava a lavrar os campos e uma das correias partiu-se. Sem delongas, ele desfez o turbante e atou-o no local da correia. Prendeu o agulhão e guiou o boi. Este deu uma guinada, desfez o turbante em bocados e virou-se ao contrário. Perante isso, Nasrudin exclamou:

— Vejam-me este imbecil. Puxa um turbante com a mesma força com que puxa uma correia.

## **ACORDO CONJUGAL**

Um dia, Nasrudin disse à mulher:

— Faz o favor de me escutares. Não te irrites com o que te vou dizer. Vamos combinar que eu satisfaço o dever conjugal às sextas-feiras. Mas, como sou um homem muito ocupado, será necessário lembrar-mo. O que vais fazer é colocar o meu turbante no móvel grande onde se arrumam os colchões durante o dia e assim eu saberei o que quer dizer.

A mulher aceitou; porém, não se contentou apenas com a sexta-feira e colocou o turbante no móvel num outro dia da semana.

— Que dia é hoje? — perguntou Nasrudin.

— Hoje é sexta-feira, não percebes?

— Então vai ser preciso que ou a sexta-feira ou eu esperemos um pelo outro.

## **OMNIPOTÊNCIA DIVINA**

Certo dia, Nasrudin subiu ao púlpito e disse:

— Demos graças a Deus, muçulmanos, por Ele, em toda a Sua onipotência, ter conseguido construir um palácio sem colunas, caso contrário, teriam sido necessárias árvores de pedra cujos frutos, à medida que amadurecessem, nos esmagariam ao cair.

## **A NOSSA CASA**

Nasrudin e o filho estavam a passear juntos. Passaram por um enterro. No cortejo, seguia uma jovem esposa que exaltava a sua dor com um choro pungente.

— Hoje de manhã, ele ainda comia, bebia e deitava-se na sua colcha. Agora já o levam para a morada onde não se come, não se bebe, não há colcha, nem cama, nem sequer uma esteira.

— Vão levá-lo para a nossa casa? — perguntou então o filho ao mulá.

## **ORAÇÃO A DOBRAR**

Sempre que Nasrudin se sentava à mesa, repetia por duas vezes:

— Deus me livre!

— Porque fazes sempre esse pedido repetidamente? — perguntou-lhe a mulher.

— A primeira vez — respondeu o mulá — destina-se ao demónio (maldito seja). A segunda, aos hóspedes, para que a minha cozinha não seja invadida por eles.

## **O AVARENTO E A CABEÇA DE CARNEIRO**

Nasrudin comia cabeça de carneiro durante todo o ano.

— Porque preferes, seja verão, seja inverno, esta carne a qualquer outra? — perguntaram-lhe.

— Não percebem o quão económica fica a cabeça de carneiro? Primeiro, o criado que a traz do carnicheiro não pode roubar sequer um bocadinho; depois, não se gasta nada a cozinhá-la, porque é vendida já seca; e, além disso, aproveita-se a pele, a carne, os olhos, as orelhas, a língua, os miolos! Tantos pratos! Não conseguem perceber o quão vantajosa ela sai?

## **JUVENTUDE OU VELHICE**

— Entre a juventude e a velhice não há diferença — disse Nasrudin.

— Como assim? — perguntaram-lhe.

— Em frente à nossa porta, está uma pedra — começou. — Poucas pessoas conseguiram levantá-la. Em jovem, tentei fazê-lo, mas não consegui. Mais tarde, e agora que já estou velho, lembrei-me disso e voltei a tentar levantá-la, em vão. Foi após esta tentativa que concluí não haver diferença entre a juventude e a velhice.

## **LIÇÃO A AVARENTOS**

Um avarento entrou em casa e pediu à mulher que lhe servisse a refeição. Esta tinha assado uma galinha e serviu-lha. Nesse momento, um mendigo bateu à porta.

— Pelo amor de Deus — pediu ele —, deem-me qualquer coisa.

O outro desdenhou o pedido e mandou embora o pobre homem de mãos vazias.

Passou o tempo. O avarento foi atingido pela desgraça. Não tardou a ficar despojado de todos os seus bens. Ao ver-se nesta situação precária, discutiu com a mulher e acabaram por se separar. Esta casou-se com outro homem. Algum tempo depois, Deus assim

o quis, ela cozinhou uma galinha e serviu-lha. Um mendigo bateu à porta.

— Pelo amor de Deus — pedia ele —, deem-me qualquer coisa.

O marido pegou imediatamente na galinha e estendeu-a inteira à mulher.

— Leva-a a esse pobre homem.

A mulher obedeceu e reconheceu no mendigo que estava à porta o seu primeiro marido. Voltou para junto do novo marido e narrou-lhe este estranho encontro.

— Querida mulher — disse-lhe este, então —, ficas a saber que andei noutros tempos a pedir esmola, pelo amor de Deus. Nessa época, eu vivia numa pobreza extrema, e, ainda assim, esse homem não me quis dar nada. Afastei-me de mãos vazias. Então, o Todo-Poderoso tudo lhe tirou, até uma mulher como tu, para ma dar. A sua fortuna recaiu sobre mim e a minha pobreza sobre ele. Precisei dele. Hoje em dia, é ele quem precisa de mim.

## TAMERLÃO VAI A BANHOS

Estando na cidade de Aksehir, Tamerlão convidou Nasrudin para ir consigo a banhos. Nasrudin aceitou. Ali chegado, Tamerlão serviu-se de um *pechtemal* bordado (peça de tecido azul-escuro absorvente como uma toalha) que custava umas cem moedas de ouro, e de seguida entraram no interior. Ambos se sentaram na borda do tanque e ali ficaram, entretidos.

— Se eu fosse escravo e estivesse à venda, quanto darias por mim? — perguntou o Tamerlão ao mulá.

— Daria cem moedas de ouro!

— Mas, meu imbecil, só o *pechtemal* vale isso!

— Foi exatamente no *pechtemal* que pensei quando ofereci o valor — respondeu Nasrudin. — De outra forma, nem uma moeda de ouro daria por si.

## UMA QUESTÃO DE PREGUIÇA

Conta-se que, numa certa época, Nasrudin tinha um vitelo. Num dia, era a mulher que lhe dava água e forragem. No dia seguinte, era Nasrudin. E assim sucessivamente, cada um no seu dia.

Certo dia, no qual este trabalho estava destinado à mulher do mulá, celebrava-se uma boda na casa em frente à deles e tinham-nos convidado.

— Como vamos fazer isto? — perguntou ela ao marido.

— Vamos fazer uma combinação — disse Nasrudin. — Quem falar primeiro vai dar de comer e beber ao vitelo.

— Combinado — respondeu a mulher.

Dito isto, Nasrudin entrou em casa e a esposa dirigiu-se à casa onde decorria o casamento.

Justamente nesse dia, uma trupe de ciganos acampou à entrada da cidade e as mulheres espalharam-se pelas ruas, com o olho bem aberto em busca de algo para roubar. Uma delas aventurou-se a entrar em casa do mulá. Reinava um silêncio profundo. Ao entrar no harém, ela viu Nasrudin, que se mantinha em silêncio absoluto. Entretanto, ela foi vasculhando toda a casa, apanhando o que encontrava e metendo tudo na sacola. Mantinha Nasrudin debaixo de olho, mas este continuava mudo. Sem hesitações, roubou-lhe o gorro e o turbante, sem que ele pronunciasse palavra.

— Se eu falar — dizia para si mesmo —, vou ter de dar de beber ao vitelo. — Sendo assim, nem sequer olhava para a movimentação da cigana, que aproveitou para sair e fugir.

Entretanto, servia-se a refeição em casa dos noivos. A mulher do mulá pôs alguma comida num prato e levou-a ao marido. Chegou a casa e apercebeu-se de que tinham roubado tudo, que nem mesmo se tinham salvado o gorro e o turbante do mulá. Depressa quebrou o silêncio.

— Mulá, o que é que aconteceu com tudo o que tínhamos nesta casa?

— Foste tu a primeira a falar! — exclamou Nasrudin. — Serás tu a dar de comer e beber ao vitelo hoje!

## **VALOR COMPARATIVO**

### **DO INVERNO E DO VERÃO**

Um dia, Nasrudin disse aos amigos:

— Uma tarde de verão é igual a três dias de inverno.

— Como é isso? — perguntaram-lhe eles.

— Já fiz a experiência — contrapôs Nasrudin. — Certa vez, lavei a minha túnica no inverno. Levou três dias a secar. Outra vez, lavei-a numa tarde de verão e à noite estava seca.

### **AS GALINHAS E O GALO**

Tamerlão convidou Nasrudin uma outra vez para o acompanhar ao banho. Chegaram acompanhados de quinze ou vinte agás destacados para este serviço.

— Enquanto eu e Nasrudin estivermos sentados à beira do tanque, cada um de vós deve pegar num ovo e pôr-se a andar como se fosse uma galinha — ordenou o Tamerlão. — Imitem o cacarejar e vão pôr o ovo sobre a pedra que encontrarão debaixo do *pechtemal*.

Tamerlão e Nasrudin sentaram-se à borda do tanque. Rapidamente se aproximou um agá acocorado, a cacarejar como uma galinha poedeira; colocou o ovo sobre a pedra e afastou-se. Cada um deles repetiu a cena e foi pôr um ovo na pedra. Então, Nasrudin levantou-se, bateu os braços como um galo bate as asas e imitou o seu canto.

— Que estás a fazer, mulá?

— Para tantas galinhas tem de haver um galo! — exclamou Nasrudin.



## UM CÁDI BEM APANHADO

Nasrudin foi visitar o cádi. Entretanto, apareceram dois indivíduos.

— Senhor — começaram eles —, as nossas casas estão tão perto uma da outra, que se tocam. Um cão veio fazer as necessidades entre as duas, exatamente no meio. Quem deve limpar a coisa?

— És tu — disse um deles.

— És tu — disse o outro. — O que decide, senhor?

O cádi virou-se para Nasrudin.

— Deixo ao teu cuidado a resolução deste caso — disse, ironicamente. — Analisa-o.

— Como é que é? — perguntou Nasrudin a um dos queixosos. — É mais perto da tua casa?

— Não — respondeu ele.

— E então é mais perto da tua?

— Não — respondeu o segundo.

— Então como é?

— Está exatamente entre as duas — responderam os dois. — E no meio da rua.

— Nesse caso, não vos diz respeito, nem a um nem ao outro — disse Nasrudin. — Diz respeito ao senhor juiz, ao qual está incumbida, pelo seu cargo, a manutenção das vias.

## DISCUSSÃO SOBRE PALAVRAS

Nasrudin estava a preparar-se para partir para o bosque e deparou-se com um mensageiro. Pouco depois, montou o burro, olhou para todos os lados e deixou de ver o mensageiro no caminho. Entretanto, voltou a vê-lo e gritou:

— Ei, homem! Ei, homem!

— Não tem de me tratar por homem — respondeu o outro. — Sou um mensageiro!

Passado um pouco, Nasrudin queixou-se do burro:  
— Vejam-me este burrico!  
— Não é um burrico — reclamou o outro. — É um burro macho e adulto.  
— Cá tenho as minhas razões para não lhe chamar burro — respondeu Nasrudin. — O meu pai criou-nos juntos.

## **FORMA PECULIAR DE RECUPERAR UM BURRO**

Nasrudin pediu o burro ao vizinho e dirigiu-se à montanha.  
Pelo caminho, deparou-se com um rio a transbordar. Tentou atravessá-lo montado no burro, mas a corrente arrastou o animal e ele não conseguiu salvá-lo.  
Regressou a casa, desgostoso, e, entretanto, o proprietário do burro foi ter com ele, reclamando-o.  
— Ao passar um rio, foi arrastado pela corrente — disse Nasrudin.  
O outro foi-se embora, mas, não tardou, Nasrudin foi chamado à presença do cádi.  
— Senhor, para encontrar esse burro é preciso falar com os nossos contemporâneos — disse Nasrudin. — Um terá a cabeça, outro a cauda, outro as pernas, e assim por diante.

## **ESCRÚPULO DESADEQUADO**

Nasrudin seguia o seu caminho. Encontrou uma galinha morta, estendida na estrada. Apanhou-a, levou-a para casa, depenou-a, cozinhou-a e pô-la sobre a mesa.  
— Mas, mulá, esta galinha é impura, pois não perdeu a vida por ação humana! — contestaram os circunstantes.  
— Imbecis! — chamou-lhes Nasrudin. — Será impura porque foi morta por Deus em vez de o ter sido por vós?

## FALSO SANTO

Um dos vizinhos de Nasrudin morreu. Foram pedir ao mulá que realizasse os rituais fúnebres estabelecidos. Este aceitou de bom grado. Acompanhou-os, lavou o falecido, prepararam-no no esquife, acompanharam-no ao cemitério, rezaram e colocaram-no na sepultura. Como a assistência manifestou a vontade de se ir embora, Nasrudin pediu:

— Paguem-me o que me é devido pelo enterro.

— É justo — anuiu a assistência.

Fizeram o que era devido e partiram. Mal todos retomaram os seus afazeres, Nasrudin amarrou o esquife e levou-o até à beira de um rio, abandonando-o aí. A corrente logo o arrastou. Entretanto, Nasrudin foi-se embora e passou pelos diversos pontos do bairro, onde ia dizendo:

— Este homem que hoje faleceu era uma pessoa cheia de méritos desconhecidos; ergueu-se da sepultura com o seu esquife e subiu aos céus.

As pessoas acreditavam e aliavam fé às palavras do mulá.

Mas, num certo dia, em passeio, um aldeão encontrou um esquife enalhado na margem de um rio. Outros apareceram e abriram o lençol onde estava preso, e lá estava o falecido.

— Amanhã vamos pedir o dinheiro do enterro ao mulá — diziam os aldeões, após verem o conteúdo. — Ou pelo menos um abatimento.

Foram ao encontro do mulá e expuseram todas as circunstâncias da reclamação.

— Deus inicialmente tomou-o por um homem bom — contrapôs Nasrudin, sem qualquer hesitação. — Mas enganou-se. Quando se apercebeu do erro, remeteu-o para baixo.

## A MULHER AFOGADA

Nasrudin e a mulher estavam a passear à beira-rio, quando esta caiu à água. A corrente arrastou-a. Nasrudin seguiu rapidamente para nascente. As pessoas à volta perceberam a sua atitude.

— Que procuras, mulá? — perguntaram-lhe.

— A minha mulher caiu à água. Ando à procura dela.

— Mas, senhor, sendo assim não a procures no sentido da nascente — aconselharam-lhe. — A corrente vai a descer e arrasta-a para baixo.

— Nada disso — gritou Nasrudin. — A minha mulher tem um feitio tão perverso, que, certamente, estará a subir.

## **CÃES BONS PAGADORES**

Nasrudin tinha feito salsichas de carne de boi. Passaram-se dois ou três dias sem que conseguisse vender a maior parte. Assim, atirou-as aos cães.

— Comam e pagar-me-ão dentro de um mês — avisou-os.

Decorrido um mês, pegou nos animais e trancou-os num jardim para receber o pagamento.

— Que queres deles? — perguntaram ao mulá. — Nunca se viu prender cães para que paguem o que quer que seja.

— Bem que comeram a minha carne, porque não exerceria o meu direito perante eles?

Os cães, após vários dias passados nestas condições, começaram a ficar agitados devido à fome.

— Tenhamos paciência, veremos como se safam desta — dizia Nasrudin.

Por acaso, no local onde se encontravam, havia uma grande pedra sob a qual tinham escondido um pote cheio de moedas de ouro. Um dos cães, impelido pelo enorme desejo de descobrir qualquer coisa para comer, movimentou a pedra, tombando o pote, que se quebrou. As moedas de ouro espalharam-se pelo chão.

Nasrudin apanhou-as, deixou sair os cães e exultou:

— Ah, estes pobres infelizes! Suspeitei levianamente da sua boa-fé, mas, também, porque não me pagaram na data de vencimento?

## **A CANGALHA E O MANTO**

Um dia, Nasrudin foi à montanha e carregou o burro com madeira.

— Vai por este caminho — instruiu ele o animal. — Eu tomarei aquele.

Dito isto, abandonou o burro à sua sorte com a carga que transportava. Quanto a ele, chegou a casa após uma caminhada rápida e perguntou à mulher se o animal ainda não tinha aparecido.

— Não dei por nada — respondeu a mulher.

— Como? — perguntou Nasrudin. — Então eu fui o primeiro a chegar?

Ele fez o caminho outra vez para trás, encontrou o animal a pastar onde o havia deixado e percebeu que um manto que tinha deixado em cima da carga já lá não estava. Tinham-no roubado.

— Ei — gritou Nasrudin. — Onde está o manto? Não vês que estou a falar contigo?

O burro obviamente não respondeu, porque nunca animal algum falou. Então, Nasrudin pegou na cangalha que o animal tinha sobre o dorso e avisou:

— Quando me devolveres o meu manto, eu devolvo-te a tua cangalha.

## **LIMPEZA DIFÍCIL**

Nasrudin comprou um escravo negro e, a seguir, abasteceu-se de nove barras de sabão para posteriormente o branquear. Levou-o a tomar banho e usou as nove barras de sabão para o lavar, mas foi inútil, porque não é possível branquear um negro. Então, extenuado, Nasrudin desabafou:

— Cruzei-me com a obra de um tintureiro famoso. Na verdade, não adianta querer mudar algo que já foi trabalhado.

## HOSPEDAGEM NEGADA

Uma pessoa foi pedir hospedagem ao mulá. Bateu à porta e este aproximou-se.

— Quem és tu?

— Ah, senhor, não me conhece? Sou o *amad* Muzzir, senhor!

— Muito bem — respondeu Nasrudin. — Espera um pouco, já te conduzo a casa do nosso pai comum.

Nasrudin seguiu à frente. Chegados à mesquita, abriu a porta, fazendo-lhe sinal para entrar:

— Aqui tens, a casa do pai comum a todos os fiéis.

## DUPLA ALUSÃO

Certo dia, Nasrudin foi aos banhos. Ficou seduzido por duas taças estanhadas. Guardou-as sob o seu *pechtemal* e saiu. Dois rapazes que ali se encontravam viram o que ele fez.

— A aproveitar o banho, senhor! — disseram-lhe.

— O banho e as taças — retorquiu ele.

## PERIGO DE DISPARAR CONTRA

## O PRÓPRIO MANTO

A mulher do mulá lavou a túnica do marido e estendeu-a numa árvore no jardim da casa. Nessa mesma noite, Nasrudin saiu e acreditou ter visto, sob a luz do luar, um homem imobilizado junto a uma árvore do jardim. Virou-se imediatamente para a mulher:

— Traz-me o meu arco e as minhas flechas — pediu.

Esta trouxe-os. Nasrudin armou o arco e disparou contra a túnica, perfurando-a; fechou a porta e entrou novamente em casa. No dia seguinte, pela manhã, saiu e percebeu que era a sua própria túnica que estava trespassada pela flecha.

— Céus — gritou ele, ante aquela visão. — Se eu estivesse lá dentro, tinha-me matado!

## **TRIGÉMEOS**

A mulher do mulá estava grávida. Chegada a altura do parto, chamaram a parteira. Era de noite e não havia ali ninguém que a ajudasse.

— Traz uma candeia — gritou ela ao mulá. — Vai ser o teu trabalho!

Este apressou-se a acender uma candeia e ali permaneceu. Quando a mulher deu à luz, o marido afastou-se com a candeia.

— Continua aqui, mulá — pediu-lhe a parteira. — Vem aí mais um bebé.

— Como? — perguntou Nasrudin. — Ela vai ter outro?

Regressou com a candeia. Uma nova criança nasceu e Nasrudin afastou-se novamente com a candeia.

— Deixa-te estar aqui! — gritou-lhe a parteira. — Ainda vais ter um terceiro herdeiro!

Ouvidas estas palavras, ele apagou a candeia.

— Porque me deixas nesta escuridão? — perguntou a parteira.

— Foi ao verem a luz que estas crianças começaram a sair umas atrás das outras, como fazem os mosquitos — reclamou Nasrudin. — Já chega!

## **NÃO FALES DE PEDRAS AO LOUCO**

Queria Deus que começasse a chover sempre que Nasrudin pensava em lavar a sua roupa. Num dia em que, mais uma vez, se

dirigia ao mercado para comprar sabão, eis que começou de novo a chover. Perante o sucedido, Nasrudin pediu ao vendedor de sabão:

— Vende-me uma oca deste queijo.

— Mas isto é sabão — respondeu-lhe o vendedor. — Não é queijo!

— Sei muito bem isso — respondeu Nasrudin. — Mas chamei-lhe queijo a ver se engano a chuva!

## **RESPEITAR A PALAVRA DE UM IDOSO**

Um dia, foram pedir o burro do mulá emprestado. Este não estava pelos ajustes.

— O burro não está cá, anda no campo.

Ainda não tinha acabado de falar e o burro começou a zurrar do interior da casa.

— Mulá — gritou a pessoa que o pedia. — Porque me deste essa resposta, estando o teu burro em casa?

— Como? — contrariou Nasrudin. — Confias mais no burro do que na barba branca de um velho como eu?

## **EMPRÉSTIMO REJEITADO**

Um dia, foram pedir o varal da roupa emprestado ao mulá. Este entrou em casa, depois saiu e disse:

— Não to posso emprestar. A minha mulher estendeu farinha a secar em cima dele.

— Que disparate! — gritou o outro, furioso. — Fari-nha a secar num varal?

— Não é assim tão dispatado — argumentou Nasrudin. — Sobretudo quando não se quer emprestar.

## **O BURRO JUIZ**



Nasrudin andava à procura do seu burro pelos campos. E encontrou uma pessoa.

— Viste o meu burro? — perguntou-lhe.

— Seguramente! — respondeu-lhe o outro. — Vi-o a desempenhar as funções de juiz num certo sítio!

— É bem possível que isso seja verdade! — exclamou Nasrudin. — E posso imaginar como isso pôde acontecer: era frequente, quando ensinava os meus alunos, ele virar as orelhas para o meu lado.

## **RECURSO CONTESTADO**

Certa manhã, Nasrudin resolveu sair da cidade. Como tinha um camelo, costumava dizer:

— Vou fazer deste animal a minha montada e, assim, viajarei à minha vontade.

Num dia em que Nasrudin ia assim montado seguindo a caravana, o camelo começou a vacilar. Atirou Nasrudin ao chão e pisou-o. Este gritou de dor. Outros elementos da caravana chegaram junto dele e levantaram-no.

— Muçulmanos! — gritou Nasrudin, mal recuperou os sentidos. — Apreciem o mal que me fez este camelo. Sejam vocês bons a atá-lo firmemente, porque preciso de me vingar dele.

— É possível, mulá, que não temas a Deus e que te queiras vingar deste animal? — exclamaram os circunstantes.

— Que conversa vem a ser essa? — reclamou Nasrudin. — Então, podemos vingar-nos de um homem e não podemos vingar-nos de um camelo?

## **RESPONSABILIDADE REJEITADA**

Certo dia, Nasrudin pôs a sua túnica nova e foi à mesquita. Chegou o momento em que as pessoas devem ajoelhar-se e

encostar o rosto à terra. Enquanto Nasrudin se encontrava assim inclinado, alguém atrás de si agarrou-o pelo rabo. Sem hesitar, Nasrudin fez a mesma coisa a quem se encontrava à sua frente.

— Que estás a fazer? — perguntou-lhe o homem, voltando-se para trás.

— Nada de especial — respondeu Nasrudin. — Não é normal que eu faça o mesmo que me fazem a mim?

## **FAMILIARIDADE DESLOCADA**

Nasrudin saiu de casa e viu uma criança acocorada diante de sua casa a fazer as suas necessidades.

— Que fazes aí? — gritou-lhe por diversas vezes. — És filho de quem?

— Sou filho da irmã do procurador da cidade — respondeu-lhe finalmente o garoto.

Nasrudin pegou-lhe imediatamente na mão e levou-o até à parte da frente da casa do procurador.

— É aqui que deves satisfazer as tuas necessidades! — disse-lhe ele.

## **ORAÇÃO MAL INTERPRETADA**

Um certo juiz, para que chovesse, rezou a Deus, erguendo as mãos aos céus. Nasrudin passava ali, por acaso. A chuva não caía.

— Reza também tu — pediu o juiz, dirigindo-se ao mulá. — Veremos, entre nós os dois, quem fará chover: se o Deus Todo-Poderoso do teu lado, ou do meu!

Nasrudin levantou as mãos ao céu e rezou. Não tardou que ribombassem trovões, rompessem relâmpagos e uma forte chuva começasse a cair. Nasrudin correu, apressando-se a esconder-se sob um rochedo. Entretanto, o raio caiu no rochedo e atingiu Nasrudin.

— Senhor meu Deus — gritou ele —, compreendeste mal as minhas orações. De outra forma, porque te darias ao trabalho de lançar o raio exatamente sobre esta pedra, quando o judeu está lá fora?

## **ESTRANHO PARENTESCO**

Nasrudin saiu de casa todo vestido de preto. As pessoas repararam nele.

— A que propósito vestiste essas roupas? — perguntaram-lhe.

— Estou de luto pelo falecimento do pai do meu filho — respondeu-lhes.

## **RESULTADO DA MÁ FAMA**

Um banheiro tinha perdido a navalha de barbear. Muito choroso, com o rosto entre as mãos, não parava de gritar:

— Oh, a navalha! Oh, a navalha!

Nasrudin, que assistia a isso e ouvia aquela choradeira, disse para si mesmo:

— Devem ter cortado o nariz a este ladrão!

## **QUESTÃO DE IDENTIDADE**

Era inverno, e Nasrudin seguia o seu caminho; alguém caminhava à sua frente, e ele estugou o passo e observou-o. O outro deteve-se.

— Meu Deus! — exclamou o homem. — Que defeito tenho eu para me fixares assim? Não te conheço de lado nenhum.

— Na verdade, não te conheço — respondeu Nasrudin. — Vi que o teu turbante era semelhante ao meu, e o teu manto também. Quem poderias então ser senão eu próprio?

## **RESTITUIÇÃO OPERADA POR DEUS**

Um dia, roubaram dinheiro ao mulá.

— Senhor — gritou ele —, já caíste de tal modo na miséria que me tomaste as minhas poupanças?

Sempre a queixar-se, dirigiu-se à mesquita, onde ficou a rezar até ao amanhecer, regressando depois a casa.

Nessa mesma noite, por acaso, um barco estava a ser fustigado em alto-mar por ventos fortes perigosos. Os marinheiros prometeram que, se escapassem, ofereceriam um presente ao mulá. O Senhor permitiu que atracassem a salvo. Fiéis à sua palavra, levaram ao mulá o dinheiro prometido.

— Meu Deus, meu Deus — gritou então Nasrudin. — Que necessidade havia de mo tirar para mo devolver depois de me ter feito passar uma noite em claro?!

## **UM SÁBIO NUNCA DEVE FICAR CALADO**

Certo dia, umas pessoas encontraram um ouriço na montanha. Não conseguiram perceber o que era aquilo e levaram-no ao mulá.

— O que é isto? — perguntaram-lhe.

— É sem dúvida um velho rouxinol que perdeu as barbas das penas.

## **ESCONDERIJO CONHECIDO NÃO É SEGURO**

Nasrudin tinha algum dinheiro e foi escondê-lo num canto da casa. Depois, foi até à porta, olhou para o sítio onde o tinha escondido e disse para si mesmo:

— Tenho de o tirar dali. Se eu conheço o esconderijo, quem me impedirá de me roubar?

## **O QUE PARA UM É LOUVOR PARA OUTRO PODE SER REPROVAÇÃO**

Algumas mulheres foram visitar a filha do mulá. O pai, para elogiar a filha, disse-lhes:

— Como veem, ela é jovem, está prenha e é boa leiteira.

Não foi preciso acrescentar mais nada para pôr as visitas dali para fora.

— Porque disseste essas coisas? — perguntou-lhe então a mulher.

— Porque foi isto que ouvi dizer de uma burra no mercado e compraram-na imediatamente e por bom preço — respondeu o marido.

## **QUESTÃO INOPORTUNA**

Nasrudin estava doente. Algumas mulheres foram visitá-lo.

— Se morreres, como gostarias que fizéssemos o teu luto? — perguntou-lhe uma delas.

— Ainda não chegámos a esse ponto — respondeu ele.

— Bom, enfim, mas se tal infelicidade se desse — disse uma outra — como gostarias que te chorássemos?

— Gostaria que se lembrassem de mim — respondeu-lhes, finalmente — como um homem ao qual as mulheres só fizeram pedidos loucos.

## **O SACERDOTE DIRIGE-SE SEMPRE AOS FIÉIS**

Antes de Nasrudin recitar a oração, os fiéis combinaram entre si:

— Quando ele vier e nos saudar, não lhe respondemos de volta, para vermos o que ele faz.

Nisto, Nasrudin chegou e saudou a assistência, mas ninguém lhe respondeu.

— Ora — disse ele, após ter olhado para todos os lados —, eis-me sozinho, não veio ninguém!

Dizendo isto, afastou-se, deixando a assistência muito desiludida com o resultado da façanha.

## QUEM ENGANA A MULHER ENGANA TAMBÉM O MARIDO

Nasrudin, num dia em que caminhava tristemente, encontrou uma mulher.

— De onde vens com esse ar triste, mulá? — perguntou-lhe ela.

— Venho do Inferno.

A mulher começou então a chorar.

— Não viste por lá o meu filho? — continuou ela.

— Eu vi-o. Ele morreu em dívida, por isso foi-lhe recusada a entrada no Paraíso.

— E qual é o montante dessa dívida?

— Mil *aspres*. A mulher dele está no Paraíso, mas ele não pode entrar a não ser mediante o pagamento dos mil *aspres*.

— E quando voltarás lá? — perguntou a mulher.

— Já de seguida.

— Toma, tens aqui mil *aspres*. Vai depressa acabar com esse negócio.

Regressando a casa, encontrou o marido.

— Recebi notícias do nosso filho — disse-lhe ela. — Como só podia entrar no Paraíso depois de pagar mil *aspres*, mandei-lhos.

— E por quem os mandaste?

— Pelo mulá.

Sem mais demoras, o marido seguiu no encalço deste último. Nasrudin, que o viu a aproximar-se, escondeu-se num moinho.

— Vês o homem que vem lá? — perguntou ele ao moleiro. — É um oficial de justiça que vem prender-te!

— E o que devo fazer? — perguntou o moleiro, assustado.

— Troca de roupa comigo; depois, sobe a esta árvore e deixa-te ficar.

O marido chegou no exato momento em que a troca de roupa terminou e o moleiro já estava escondido na árvore. Tudo o que ele viu foi Nasrudin disfarçado de moleiro, também a olhar para a árvore. O homem viu então em cima da árvore aquele que pensava ser Nasrudin. Como estava a cavalo, desmontou e confiou o animal ao falso moleiro; depois, para não estragar a roupa ao subir à árvore, despiu-a.

Sem hesitar, Nasrudin agarrou nas roupas e montou o cavalo.

— Amigo! — gritou ele enquanto se afastava. — E agora, ainda não me estás a reconhecer?

Ouvindo estas palavras, o pobre marido deixou de se preocupar com o moleiro; desceu da árvore e regressou a casa, nu e sem cavalo.

— Ora, ora! — exclamou a mulher. — Que é que te aconteceu?

— Apanhei Nasrudin e o que ele te disse sempre era verdade — afirmou ele, para evitar qualquer crítica. — Então, como recompensa da sua intervenção, dei-lhe o meu cavalo e as minhas roupas.

## OBRIGAÇÃO FACILMENTE DECLINADA

Nasrudin estava a voltar do moinho para casa. Lembrou-se de que tinha falta de tochas, decidindo entrar no bosque, com um machado na mão, para cortar alguma madeira. Anoitecia e já estava escuro quando o machado lhe escapou da mão. Procurou-o, inutilmente.

— Senhor — rezou ele —, se fizeres com que eu encontre o meu machado, prometo-te um *chinek*<sup>17</sup> de cevada!

Assim que acabou de falar, encontrou a ferramenta.

— Obrigado, meu Deus! — exclamou ele. — Mas, como vos é tão fácil atender os pedidos, faz-me encontrar também um *chinek* de cevada. Assim poderei acertar as minhas contas contigo!

## **PEDIDO DE DESCULPA A UM CÃO**

Nasrudin, ao entrar numa mesquita, apercebeu-se da presença de um cão atrás da porta. Deu-lhe uma paulada e o cão, assustado, fugiu e foi refugiar-se no púlpito.

— Mil perdões — pediu então Nasrudin, dirigindo-se ao animal.  
— Ainda não conhecia todos os pregadores deste templo.

## **RESULTADO DE UM BOM RECLAME**

Nasrudin tinha uma vaca que não dava leite. Entregou-a para venda ao pregoeiro público, que se pôs a passear com ela, gritando:

— Quem quer uma boa vaca leiteira, uma vaca cujo leite já vem em nata?

— A sério? — questionou-se Nasrudin, ouvindo leiloar a vaca desta forma. — Estava bem enganado à sua conta.

E, assim pensando, tomou-a das mãos do pregoeiro e levou-a para casa.

## **DISCUSSÃO SOBRE UM NEGRO**

Certa vez, Nasrudin foi em peregrinação a Meca. O povo apinhava-se à porta da Caaba.

— Senhor — gritavam, a propósito de um negro que ali se encontrava. — Atormentais-vos por ver aqui a face negra e selvagem deste infiel?

— Porque o maltratam por causa da sua cor? — perguntou Nasrudin. — Pelo menos tem a coragem de exhibir os seus pecados no rosto. Se connosco acontecesse o mesmo, estaríamos, vocês e eu, ainda mais negros do que ele.

## **CONVERSA INGÉNUA ENTRE PAI E FILHO**

Certo dia, o filho do mulá começou a gritar:



— Vem aqui, papá... Nesta bilha, está um homem! Estou com medo!

— Fica sossegado — pediu Nasrudin, depois de se ter aproximado e de ter visto a sua própria imagem refletida no fundo da bilha. — É um velho que está ali só para meter medo às criancinhas!

## LASTIMÁVEL RESULTADO DE UM SONHO

Uma noite, Nasrudin sonhou que, estando a viajar, encontrava um tesouro e, para marcar o local, evacuou ali mesmo.

Finalmente, acordou e percebeu que apenas o fim do seu sonho não tinha sido uma ilusão.

— Ora, Senhor! — lastimou-se ele. — Porque me deixaste isto e levaste o ouro?

## PRECAUÇÃO CURIOSA

Nasrudin, em Sivri-Hissar, fechou o machado num cofre.

— Porque trancas aí o machado? — perguntou-lhe a mulher.

— Para o gato não o conseguir levar.

— E desde quando é que um gato leva um machado?

— Se ele se dá ao trabalho de roubar um *aspre* de fígado, porque não roubaria um machado de dez *aspres*?

## RESPOSTA A CRISTÃOS

Alguns cristãos disseram, certo dia, ao filho do mulá:

— Vem adorar o Messias ou sai da cidade!

— Quando o Messias chegar, então eu sairei! — respondeu-lhes ele.

## **PERIGO DE INCÊNDIO**

Nasrudin engoliu sopa a ferver. Deu um grito e saiu muito nervoso para o meio da rua, dizendo:

— Abram alas, amigos, que eu tenho fogo no corpo.

## **O TRAPACEIRO BEM APANHADO**

Nasrudin foi comprar umas calças e regressou a casa vestido com a sua compra. Alguns vizinhos viram-no e decidiram pregar-lhe uma partida. Escalonaram-se no seu caminho e o primeiro que se cruzou com ele disse-lhe, logo a seguir à saudação dada e recebida:

— Que vais fazer dessas calças? Não te servem para nada; dá-mas.

— Vai para casa — refilou Nasrudin — e deixa-me em paz!

A mesma conversa entre Nasrudin e um dos amigos repetiu-se por cinco vezes. No final, ele acabou por se deixar convencer.

— Toma — disse ele ao seu interlocutor, esticando a perna. — Puxa!

O outro baixou-se para puxar pelas calças, mas Nasrudin derrubou-o e empurrou-o.

— Ficas a saber quem eu sou — gritou-lhe Nasrudin. — E que é a mim que cabe pregar partidas.

## **É PELOS FRUTOS QUE SE CONHECE A ÁRVORE**

Nasrudin andava a passear. Chegou junto a uma árvore enorme, observou-a e perguntou-se que árvore seria aquela. Para se certificar, atirou uma pedra para os ramos, que depressa caiu.

— Agora percebo bem o que és! — exclamou ele. — Pelo fruto, facilmente se julga a árvore!

## **PROPORÇÃO ENTRE A FORÇA EXERCIDA**

## **E O EFEITO OBTIDO**

Na mesquita, Nasrudin puxou pela orelha do imã enquanto ele estava prostrado.

Este sacerdote começou então a recitar a mais solene de todas as orações, o versículo do trono.

— Se tu recitas o versículo do trono mesmo quando te puxam a orelha, o que recitarias então se te apertassem o escroto? — perguntou Nasrudin.

## **O DESGOSTO DE TAMERLÃO**

Tamerlão era muito feio, tinha um olho a menos e um pé de ferro. Um dia, sentado, entretido com Nasrudin, levou a mão à cabeça e mandou chamar o barbeiro. Este último não tardou a aparecer e, depois de lhe ter rapado a cabeça, pôs-lhe um espelho na mão. Tamerlão olhou-se nele, viu o quão feio era e começou a chorar. Nasrudin imitou-o e começou de imediato a desfazer-se em lágrimas e gemidos. Passaram assim uma ou duas horas. No entanto, os cortesãos conseguiram distrair Tamerlão, contando-lhe algumas piadas que o fizeram esquecer o seu desgosto. Finalmente, parou de chorar, mas Nasrudin continuava a fazê-lo cada vez mais alto.

— Olhei-me ao espelho — disse-lhe então Tamerlão — e achei-me um ser tão pavoroso, que senti um desgosto enorme de me ver assim tão feio, eu, o padixá e dono de tantos escravos. Chorei a bom chorar, mas e tu? Porque choras ainda a estas horas e não paras de te lamentar?

— O senhor só se olhou uma vez ao espelho — respondeu rapidamente Nasrudin — e esse curto momento bastou para que chorasse durante umas duas horas. Qual o espanto de me ver continuar a chorar, eu que passo um dia inteiro a olhar para si?

## **LIÇÃO A UM MENDIGO**

Certo dia, Nasrudin, depois de ter tido alguma dificuldade a subir para o telhado da sua casa, encontrava-se a cobri-lo de telhas. Entretanto, alguém bateu à porta. A mulher do mulá foi abrir.

— Que queres? — perguntou ela a um homem que se postou ali, à espera.

— Chama Nasrudin, depressa. Tenho de lhe falar.

— Ele está ocupado — insistiu a mulher. — Está em cima do telhado.

— Não importa, preciso que venha falar comigo imediatamente.

— Está um homem à porta — gritou bem alto a mulher ao marido.

— Ele quer ver-te e diz que se trata de um assunto extremamente urgente.

— Mulher — disse Nasrudin —, eu subi até aqui com tanta dificuldade, que não vou descer por motivo algum. Se esse homem tem algo a dizer-me, que to diga a ti e tu depois transmites-mo.

A mulher voltou à porta.

— Ei, amigo! Nasrudin não quer descer do telhado; é um local perigoso e ele tem medo de se magoar ao descer. Diz-me o que lhe queres, que eu transmito-lho e trar-te-ei a resposta.

— Nem pensar — disse o outro. — Tenho de falar com ele pessoalmente. Trata-se de um assunto importante.

A mulher foi outra vez ter com Nasrudin, transmitindo-lhe o recado.

— Quem sabe — acrescentou ela — se não se trata de algo lucrativo?

Nasrudin decidiu então deixar o seu local de trabalho, mas, chegado ao último degrau, este deu de si e ele magoou-se no braço. Chegou à porta francamente contrariado e viu um indivíduo muito mal vestido, que lhe disse:

— Pelo amor de Deus, mulá, dá-me uma esmola de um *aspre*.

— Muito bem, vem por aqui.

Dito isto, convidou-o a entrar e, subindo quarenta degraus, levou-o até ao telhado.

— Vá, meu amigo — disse-lhe então — Deus te ajude.

— Porque é que não me respondeste isso lá em baixo? — perguntou o mendigo.

— E tu, meu animal, porque não disseste lá em baixo à minha mulher ao que vinhas? Qual a necessidade de me teres feito descer e magoar-me, ao cair?

## **DOIS VIAJANTES NA ESTRADA**

Nasrudin foi à cidade e, de repente, encontrou dois homens. Perguntou-lhes:

— Aonde vão?

— Ainda agora iniciámos a nossa caminhada.

— Esperemos — disse Nasrudin — que atinjam o fim esta noite.

## **ABLUÇÃO INCOMPLETA**

Um dia, na altura de começar a oração, faltou a água ao mulá para completar as suas abluções. Pôs-se então a rezar com uma perna no ar, ao jeito de um ganso.

— Que estás a fazer? — perguntaram-lhe.

— Esta perna não foi sujeita a ablução — informou ele.

## **SEM HONORÁRIOS NÃO HÁ CONSELHOS**

Um mulá tinha percorrido a Arábia, a Pérsia, a Índia e tantos outros reinos sem conseguir obter resposta a uma certa pergunta. Aconselharam-no a consultar Nasrudin. Depressa partiu para Aksehir e, pelo caminho, gastou um *aspre* a comprar romãs, que aconchegou junto ao peito. Chegando às vizinhanças de Aksehir, viu um homem ocupado a lavrar um pedaço de terra, com polainas, roupa de feltro, mas com ar de pessoa pouco instruída. Era Nasrudin. Aproximou-se e saudou-o.

— Salve, senhor — devolveu Nasrudin. — Quais as novidades?

— Vim fazer-te umas perguntas. Poderás responder-me?

— Com certeza. Mas já alguém dizia: sem dinheiro, a tua mãe não teria concedido nada ao teu pai. Porquê então atender-te de borla?

O sacerdote tirou as romãs que guardava junto ao peito e ofereceu-as ao mulá. Este começou então a responder às perguntas dele, sempre a comer as romãs, uma atrás da outra. Acabou-as quando o sacerdote lhe disse:

— Ainda falta uma pergunta.

— Enganas-te, amigo... Ainda falta alguma romã?

## **O QUE PREJUDICA UM BENEFICIA OUTRO**

Nasrudin tinha duas filhas. Foram juntas visitá-lo.

— De que vivem vocês? — perguntou-lhes ele.

— O meu marido é agricultor — disse uma delas. — Semeou muito trigo e, se chover, terá com que me vestir.

— O meu marido — afirmou a outra — é oleiro, fez muitos vasos e, se não chover, poderá comprar-me muitas roupas.

— Uma de vós — interveio Nasrudin — verá certamente os seus sonhos cumprirem-se, mas não sei qual das duas será.

## **A FESTA PRECEDE A PENÚRIA**

Um dia, Nasrudin, ao entrar numa certa cidade, viu toda a gente a comer e a beber. Ao verem-no, as pessoas foram educadas e ofereceram-lhe comida. Era um ano árido e Nasrudin, comendo e bebendo, perguntava a si mesmo como é que havia tanta fartura de mantimentos naquele local. E levantou essa questão.

— Estás doido? — responderam-lhe. — Hoje celebra-se o Bairam; então, cada um, segundo as suas posses, trouxe qualquer coisa de casa para cozinhar. A abundância só reina por momentos.

## **O VALOR DE PERDER**

Nasrudin viu um homem sentado na beira de uma estrada, com ar de completa desolação.

— O que o preocupa? — quis saber.

— Meu irmão, não existe nada interessante na minha vida. Eu tenho dinheiro suficiente para não precisar de trabalhar, e estava a viajar para ver se havia alguma coisa curiosa no mundo. Entretanto, todas as pessoas que encontrei nada têm de novo para me dizer, e só conseguem aumentar o meu tédio.

Na mesma altura, Nasrudin agarrou a mala do homem, e saiu a correr pela estrada. Como conhecia a região, rapidamente conseguiu distanciar-se dele, enveredando por atalhos nos campos e colinas.

Quando se distanciou o suficiente, colocou de novo a mala no meio da estrada por onde o viajante iria passar, e escondeu-se por detrás de uma rocha. Meia hora depois, o homem apareceu, sentindo-se mais miserável do que nunca, por causa do ladrão que encontrara. Assim que viu a mala, correu até ela e abriu-a, ofegante. Ao ver que o seu conteúdo estava intacto, olhou para o céu, cheio de alegria, e agradeceu ao Senhor pela vida.

## **ENTRE AMIGOS NÃO HÁ CERIMÓNIAS**

Um dia, passou uma carruagem que se dirigia a Sivri-Hissar. Nasrudin também estava na disposição de se deslocar à cidade. Saiu então todo nu de casa, correu até à carruagem, subiu e partiu. Ao se aproximarem de Sivri-Hissar, os condutores foram anunciar a chegada do mulá à cidade. Os habitantes foram ao seu encontro e, vendo-o completamente nu, perguntaram-lhe qual a razão de tal comportamento.

— Gosto tanto de vocês, que, para vos vir visitar, até me esqueci de me vestir.

## **PARA METADE DO TRABALHO,**

### **METADE DO PAGAMENTO**

Por azar, Nasrudin apanhara tinha. Mandou rapar a cabeça e deu um *aspre* ao barbeiro. Na semana seguinte, após o rapar, o barbeiro estendeu-lhe um espelho.

— Estou a ver que metade da minha cabeça ainda tem tinha. O melhor é não te pagar hoje e contentares-te com o *aspre* que te paguei da outra vez!

### **EM TODOS OS GRUPOS HÁ UM OTÁRIO**

Nasrudin foi à pesca com um grupo. Passou a viagem a ser alvo de chacota.

Quando atiraram a rede ao mar, ele atirou-se imediatamente a ela.

— Que fazes, mulá? — perguntaram-lhe.

— Eu pensava que o peixe era eu — disse Nasrudin.

### **UM NOIVO POUCO SEDUTOR**

Era o casamento do mulá. Este fez convites, os vizinhos chegaram, começaram a comer e esqueceram-se de o chamar. Nasrudin ficou muito zangado.

— Ainda não acabaram? — gritou ele.

Eles saíram e começaram a procurar Nasrudin, sem sucesso. Começaram a tentar seguir-lhe as pegadas e acabaram por descobri-lo.

— Ei, anda cá! Afinal, para onde vais? — perguntaram-lhe.

— Quem tomou parte no banquete, que entre no quarto nupcial — rematou ele.



## **NÃO SE VÊ NADA NA ESCURIDÃO**

Um homem hospedou-se um dia na casa do mulá. Ao cair da noite, deitou-se e, pouco depois, apagou a candeia.

— A candeia apagada está à tua direita — disse o viajante. — Passa-ma, que eu acendo-a.

— Estás maluco? — perguntou Nasrudin. — Nesta escuridão, como é que eu sei onde está a minha direita?

## **O CABRITO QUE VIROU CABRA**

— Sob que constelação nasceste? — perguntaram ao mulá.

— Sob a constelação do bode.

— Mas, mulá, ela não se chama assim!

— Em criança, a minha mãe dizia-me que era a minha constelação e que era nova.

— A nova não é a do bode, é a do cabrito.

— Imbecis! E, passados tantos anos, o cabrito não virou bode?

## **O PASTOR ASTRÓNOMO**

Quando se dirigia a Derbend, Nasrudin encontrou um pastor. Este perguntou-lhe:

— És doutor da lei?

— Sou.

— Escuta: já coloquei esta questão a outros como tu. Vamos combinar uma coisa; se conseguires responder-me, falarei; se não conseguires, não falaremos.

— Qual é a tua pergunta? — pediu Nasrudin.

— Das duas luas que existem, uma é pequena. Fica grande como uma roda quinze dias depois, e a seguir vai morrendo e desaparece. Depois, aparece uma outra e assim sucessivamente. Para onde vão as velhas?

— Ora aí está uma coisa bem difícil — respondeu Nasrudin. As velhas partem-se e delas fazem-se estrelas. Não vês, quando troveja, a forma como brilham, que até parecem espadas?

— Bravo! — exclamou o pastor. — És um verdadeiro sábio. Sou absolutamente da tua opinião.

## VISITAS INOPORTUNAS

Nasrudin encontrou um grupo de estudantes de teologia.

— Façam o favor de vir a minha casa — pediu-lhes.

Quando chegaram à frente à casa, pediu-lhes que esperassem um instante, para que ele entrasse primeiro.

Já lá dentro, chamou:

— Mulher, estás aí? Livra-me daquela gente ali fora!

Ela foi então lá fora e disse:

— Nasrudin ainda não chegou!

— Mas ele entrou em casa — reclamaram os estudantes.

Começou então uma discussão ali em frente à casa. Entretanto, Nasrudin, que subiu aos quartos, foi à janela.

— Ei, senhores! — gritou ele lá de cima. — Porque estão tão exaltados? Provavelmente esta casa tem duas portas. Ele pode ter saído pela outra e não ter voltado a entrar.

## INDUZIDO EM ERRO

Certo dia, semeou-se o pânico na aldeia onde Nasrudin e a mulher moravam. Os habitantes fugiam para onde podiam. Nasrudin também decidiu abandonar a sua casa e, para tanto, começou a fazer os preparativos da partida. Tinha cinquenta *aspres* que não sabia onde esconder. Subitamente, um pensamento varreu-lhe a mente. Diante da sua casa estendia-se um prado, onde tinham colocado um poste alto. Meteu as moedas num saco, subiu ao poste, atou aí o saco e deixou tudo pendurado lá no alto.

Por azar, dois malandros viram toda aquela atuação. Mal Nasrudin se afastou, eles chegaram, apoderaram-se do dinheiro e barraram o poste com excrementos de boi, afastando-se de seguida.

Pouco depois, Nasrudin foi procurar os seus *aspres* e tudo o que encontrou foi o poste todo sujo de excrementos de boi.

— Na verdade, estou estupefacto com a forma como este dinheiro me foi subtraído! — exclamou Nasrudin. — Como é que um boi, animal de quatro patas e cujos vestígios se encontram no poste, conseguiu arranjar forma de trepar até ao alto? Isso é que me espanta muito!

## UM PAI COM MÃO DE SORTE

Nasceu um filho ao mulá.

— Corta-lhe tu o cordão — sugeriram-lhe. — Por-que a tua mão traz sorte.

— Muito bem — concordou Nasrudin.

Cortou o cordão, puxou tudo e deixou um buraco.

— Ei, senhor, que fizeste? — perguntaram-lhe.

— Se ele não tiver mais nenhum orifício, terá ao menos esse!

## ROUXINOL NOVATO

Nasrudin estava em cima de um damasqueiro no pomar de um desconhecido, quando chegou o dono.

— Que fazes aí? — perguntou este.

— Ora, não vês que sou um rouxinol? — retorquiu Nasrudin. — Eu canto.

— Sim? Então canta lá, que eu fico à escuta.

Nasrudin começou a cantar.

— Que chilreada! — exclamou o hortelão, rindo-se à gargalhada.

— É assim que canta um rouxinol novato — desculpou-se Nasrudin.

## **UM BURRO PERDIDO**

—Perdi o meu burro, perdi o meu burro, estou desesperado, não posso continuar assim. Não conseguirei viver se não encontrar o meu burro — lamentava-se Nasrudin, percorrendo o povoado em busca do animal perdido.

E anunciava:

— Quem o encontrar ganhará uma grande recompensa... O meu burro!

As pessoas, sem entender aquilo, perguntavam-lhe:

— Estás louco? Perdeste o burro e estás a oferecê-lo como recompensa a quem o encontrar?

Nasrudin respondia:

— Sim, porque me incomoda não o possuir, mas incomoda-me muito mais tê-lo perdido.

## **BARBEIRO DESAJEITADO**

Nasrudin foi rapar a cabeça e calhou-lhe um barbeiro novato que lhe cortava a cada passagem da navalha e ia colocando algodão nos cortes.

— Ei, amigo! — disse Nasrudin ao barbeiro. — Se me vais semear algodão em metade da cabeça, vou semear linho no resto.

## **UMA CAÇADA REAL**

Um rei, que gostava da companhia de Nasrudin e também de caçar, ordenou-lhe que o acompanhasse numa caçada de ursos.

O mulá ficou aterrorizado com a ideia.

Depois da caçada, quando voltou à sua aldeia, alguém lhe perguntou:

— Como foi a caçada?

— Maravilhosa — disse Nasrudin.

— Quantos ursos viu? — perguntou o homem.

— Nenhum — respondeu Nasrudin.

— Então, como pode ter sido maravilhosa? — questionou o homem, com curiosidade.

— No que me diz respeito, quando se trata de caçar ursos, não ver nenhum é a experiência mais maravilhosa que se pode ter — disse Nasrudin.

## **TAL FILHO, TAL PAI**

—Sei como vieste ao mundo — dizia ao seu pai o filho do mulá.

— Estás a falar de quê? — perguntou a mãe, irritada.

— Complicas tudo, mulher — disse Nasrudin. — Por-que é que este rapaz, que é inteligente, não saberia uma coisa destas?

## **RECOMPENSAS TROCADAS**

Nasrudin foi a um banho turco. Como estava mal vestido, os dois homens que o atenderam deram-lhe muito pouca importância. Só recebeu uma toalha velha e um sabonete que estava no final.

Ao sair, Nasrudin deu a cada homem uma moeda de ouro. Surpresos, eles imaginaram que, se tivessem tratado aquele homem melhor, certamente teriam ganho mais.

Passado uma semana, Nasrudin retornou ao banho turco. Dessa vez, independente das suas roupas velhas, Nasrudin foi tratado como um rei. Foi-lhe dada toda a atenção pelos dois homens. Massagens, toalhas macias e novas, sabonetes deliciosamente perfumados, e todo o género de mordomias que poderia receber.

Ao sair, Nasrudin deu a cada homem uma pequena moeda de pouco valor.

Os dois homens olharam para Nasrudin, decepcionados. Ele então explicou:

— Essas moedas são pelo serviço da semana passada. Pelo serviço de hoje vocês já receberam.

## **A VONTADE DE DEUS**

Nasrudin ouviu um homem religioso dizer, no meio de uma conversa:

— Seja feita a vontade de Alá.

E respondeu:

— Ela sempre se faz, qualquer que seja a situação.

— Como pode provar isso? — perguntou o homem.

— É simples. Se a vontade de Alá não fosse sempre feita, a minha sê-lo-ia, não acha? — questionou Nasrudin.

## **INGENUIDADE DE UM FALSO TESTEMUNHO**

Nasrudin ia servir de testemunha, acompanhado de um grupo de pessoas. Chegaram a casa do cádi e este, dirigindo-se ao mulá, disse-lhe:

— Neste processo, o assunto tem que ver com trigo.

— Com cevada — contrapôs Nasrudin. — É sobre cevada o meu testemunho.

— Mas é trigo — insinuaram-lhe os companheiros.

— Que ignorantes me saíam todos vós — disse Nasrudin. — Quando se trata de mentir, que interessa se é cevada ou trigo?

<sup>1</sup> *Halva* é um doce do Médio Oriente feito de sementes de sésamo torradas, moídas e misturadas com açúcar derretido.

[2](#) Magistrado muçulmano.

[3](#) Festa muçulmana.

[4](#) Alunos.

[5](#) Lançamento de dardos a cavalo.

[6](#) Os muçulmanos creem que, logo que sepultados, dois anjos, um bom e um mau, vêm interrogá-los sobre ações praticadas em vida.

[7](#) Oração consagrada às trinta noites da lua do Ramadão.

[8](#) Geleia de uva obtida após cozedura e cuja superfície fica brilhante.

[9](#) Aluno secretário.

[10](#) Documento emanado por tribunal.

[11](#) Espécie de contínuo.

[12](#) Moeda de valor ínfimo.

[13](#) Moeda de cobre.

[14](#) Espécie de tribunal do comércio.

[15](#) Em turco, a palavra correspondente a pêssego é sinónima de beijo. Menla-Djami queria dizer que o jovem lhe daria um beijo em troca do pêssego emprestado.

[16](#) Monge.

[17](#) Oitavo de medida.



# CONCLUSÃO

Percebe-se que Nasrudin tinha formação em todas as matérias e era hábil em subtilezas. Ensinava todos os que lho pedissem. Por vezes, os seus discursos tornavam-se incompreensíveis, porque, durante os seus ensinamentos, Deus inspirava-o e enchia-o de revelações. Era verdadeiramente sábio. A misericórdia do Senhor esteja com ele; a misericórdia e a proteção.